

RELATÓRIO INAF BRASIL 2024

Alfabetismo: do analógico ao digital



RELATÓRIO INAF BRASIL 2024

Alfabetismo: do analógico ao digital

Coordenação



ação
educativa

Correalização



Em parceria com



Cooperação





**Adolescentes com celular.
Terra Indígena Andirá-Marau, Parintins (AM).**

Foto: Ricardo Oliveira/Pulsar Imagens

RELATÓRIO INAF BRASIL 2024

Alfabetismo:
do analógico
ao digital

COORDENAÇÃO GERAL DO ESTUDO

Ana Lima (Conhecimento Social)
Roberto Catelli Jr. (Ação Educativa)

COORDENAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Rosi Rosendo, Guilherme Militão, Monize Arquer,
Paulo Vieira (Ipec-Ipsos)

ELABORAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Roberto Catelli Jr., Heloisa Trenche Belusci (Ação Educativa)
Ana Lima, Fernanda Cury (Conhecimento Social)
Rosi Rosendo, Guilherme Militão, Monize Arquer, Paulo Vieira
(Ipec-Ipsos)

PROGRAMAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Wilson Ruiz (Ipec-Ipsos)

AMOSTRAGEM E PONDERAÇÃO

Paula Yamakawa, Bruna Suzzara, Patricia Amorim (Ipec-Ipsos)

REALIZAÇÃO DE CAMPO/COLETA DE DADOS

Cláudia Fernandez, Michele Zanca, Karla Scannerini (Ipec-Ipsos)

CODIFICAÇÃO, PROCESSAMENTO DE DADOS E TABELAS

Tania Pinheiro, Rose Manha, Soraia Biaso (Ipec-Ipsos)

ANÁLISES ESTATÍSTICAS PELA TEORIA DA RESPOSTA AO ITEM

Carlos Alberto Huaira-Contreras (Consultor Estatístico)

ANÁLISE DOS RESULTADOS E ELABORAÇÃO DO TEXTO

Roberto Catelli Jr., Heloisa Trenche Belusci, Vitória Benedito
(Ação Educativa)
Ana Lima, Fernanda Cury (Conhecimento Social)

CRÉDITOS DA EDIÇÃO

Coordenação editorial: Roberto Catelli Jr. (Ação Educativa)

Edição: Heloisa Trenche Belusci (Ação Educativa)

Preparação e revisão: Madrigais Produção Editorial

Projeto gráfico e diagramação: Aeroestúdio

Foto de capa: Cesar Diniz/Pulsar Imagens

Catálogo na Publicação (CIP)

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

A168r

Ação Educativa

Relatório Inaf Brasil 2024 Alfabetismo: do analógico ao
digital / Ação Educativa, Conhecimento Social. – São Paulo:
Ação Educativa, 2025.

68 p.; 18 × 24 cm

ISBN 978-65-6050-057-0

1. Alfabetização. 2. Tecnologia educacional. I. Ação
Educativa. II. Conhecimento Social. III. Título.

CDD 372.4

Índice para catálogo sistemático:

I. Alfabetização

Sumário

- 7 Apresentação
- 9 Inaf: incorporando o contexto digital
- 13 Metodologia para a aplicação do Inaf 2024
- 19 Principais resultados de 2024
 - 20 Escolaridade e níveis de alfabetismo
 - 24 Níveis de alfabetismo e faixas etárias
 - 27 Níveis de alfabetismo e gênero
 - 29 Níveis de alfabetismo e raça/cor
 - 31 Níveis de alfabetismo e renda familiar
 - 33 Níveis de alfabetismo e mundo do trabalho
- 39 Avaliação no formato digital
 - 39 Acesso e uso da internet
 - 44 A criação de um instrumento de avaliação no contexto digital
 - 46 Primeiros resultados da avaliação no contexto digital
- 52 Comentários finais e perspectivas
- 55 Referências bibliográficas consultadas
- 57 Anexo 1. Tabelas com os resultados da análise dos dados – Inaf 2024
- 66 Anexo 2. Matriz de habilidades do Inaf
- 71 Sobre as instituições

Apresentação

O Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) mede os níveis de Alfabetismo da população brasileira de 15 a 64 anos por meio de um teste aplicado presencialmente, que envolve a leitura e interpretação de textos do cotidiano. Foi desenvolvido pela organização social Ação Educativa e pelo Instituto Paulo Montenegro/Ibope, e implementado entre 2001 e 2015 em parceria por essas duas organizações. Com o encerramento das atividades do Ibope e do Instituto Paulo Montenegro, a parceria passou a ser entre a Ação Educativa e a Conhecimento Social, responsáveis também pela coordenação geral do estudo em 2018 e em 2024.

A edição de 2024 é também uma iniciativa da Fundação Itaú em parceria com a Fundação Roberto Marinho, o Instituto Unibanco, a Unicef e a Unesco. Esta edição conta ainda com as parcerias técnicas da Ipsos-Ipec, para a realização da pesquisa, e da Rede Conhecimento Social, na frente de comunicação e mobilização.

Esta última edição do Inaf ocorreu após seis anos em relação à edição anterior, em 2018. Nesse período, entretanto, foram realizados estudos para atualizar e ampliar o escopo da avaliação, que, a partir de 2024, passa a incorporar o estudo do nível de alfabetismo de maneira mais abrangente, levando em conta também o contexto digital.

Foi considerado que, se o que se pretende medir nesta pesquisa é o uso social da leitura, da escrita e da matemática em situações do cotidiano, é necessário, nos tempos atuais, que o indicador seja capaz de refletir as importantes transformações que vêm ocorrendo na maneira como as pessoas se informam, se comunicam, estudam e trabalham, consomem e se divertem, cuidam da saúde, participam da sociedade, se relacionam e se desenvolvem individual e coletivamente na contemporaneidade.

Neste documento, serão apresentados os principais resultados da edição do Inaf 2024.



Você está na
Plataforma
01

Informações

TERMINAL
AFONSO PENA

Av. Ruf Barbosa

Você
está
aqui



CONFIRA AS LINHAS DO TERMINAL

PLATAFORMA 02 A

- 125 - Term. Afonso Pena / Renault
- 101 - Term. Central / Term. Afonso Pena
- 200/PIT - PÇA. do Juventude / Guatupé
- E12 - Term. Afonso Pena / Centenário
- 180 - Piraquara / São José dos Pinhais
- E03 - Afonso Pena / Guadalupe
- E01 - Urbana / Guadalupe

PLATAFORMA 02 B

- 200 - PIT PÇA. Juventude / Guatupé
- 531 - Bairro o Bairro 1
- 150 - Term. Afonso Pena / Borda do Campo
- 120 - A.Pena/Maracanã (Colombo / S.J.P)
- E11 - Term. Afonso Pena / Term. Boqueirão

PLATAFORMA 03

- 109 - Term. Afonso Pena /
- 144 - Term. Afonso Pena /
- 530 - Bairro o Bairro 2
- 120 - Term. Afonso Pena /
- 143 - Term. Afonso Pena /
- 154 - Term. Afonso Pena /
- 115 - TAP / Iná / Apolo e Av
- 130 - Term. Afonso Pena /

Mulher consulta
totem de
informações em
terminal urbano.

Inaf: incorporando o contexto digital

O Inaf foi criado em 2001 com o intuito de fomentar o debate público sobre a qualidade da educação e a defesa dos direitos educativos, para assegurar a todos os brasileiros as habilidades necessárias para viver em uma sociedade letrada e exercer, com autonomia, direitos e responsabilidades.

Para o Inaf, o alfabetismo é a capacidade de um indivíduo compreender e utilizar a informação escrita em suas práticas sociais. Trata-se de um contínuo que abrange desde o simples reconhecimento de elementos da linguagem escrita e dos números, até as operações cognitivas mais complexas, que envolvem a integração de informações textuais e destas com os conhecimentos e as visões de mundo do leitor.

Para fins de análise e disseminação dos conceitos que estruturam o estudo, o Inaf define cinco níveis de alfabetismo: Analfabeto, Rudimentar, Elementar, Intermediário e Proficiente. Os dois primeiros níveis estão associados ao conceito de analfabetismo funcional. Os três níveis seguintes descrevem diferentes graus de apropriação das habilidades de leitura, de escrita e matemática em diversos campos da vida em sociedade.

NÍVEIS DE ALFABETISMO NA METODOLOGIA INAF

Analfabeto	Analfabeto funcional	Analfabetos funcionais
Rudimentar		
Elementar	Alfabetizado em nível elementar	Funcionalmente alfabetizados
Intermediário	Alfabetizado em nível consolidado	
Proficiente		

Os níveis de alfabetismo são definidos a partir do desempenho em um teste que privilegia situações e contextos que mobilizam habilidades presentes

nas práticas sociais vivenciadas pelos respondentes. Desse modo, distinguem-se dois domínios: o das capacidades de processamento de informações verbais – que envolvem uma série de conexões lógicas e narrativas, denominada pelo Inaf como letramento – e as capacidades de processamento de informações quantitativas – que envolvem noções e operações matemáticas, designadas como numeramento.

Ao longo dos anos, o Inaf incorporou várias atualizações metodológicas para assegurar sua aderência às práticas sociais que envolvem as habilidades que se propõe a mensurar. A edição anterior, em 2018, evidenciou que seria necessário um processo de reformulação mais abrangente, em razão das exigências que decorrem de um mundo cada vez mais digital.

Quando foi produzida a primeira edição do Inaf, em 2001, o acesso e o uso das tecnologias de informação e de comunicação tinham alcance muito mais restrito do que na década de 2020. Segundo a pesquisa TIC Domicílios, em 2008, quando o Inaf já havia divulgado seis edições, apenas 6% das pessoas que possuíam telefone celular utilizavam o aparelho para acessar a internet (COMITÊ GESTOR DE INTERNET NO BRASIL, 2009). De acordo com a pesquisa TIC Domicílios de 2024, 88% declararam ter usado a internet via telefone celular nos três meses que antecederam à pesquisa (COMITÊ GESTOR DE INTERNET NO BRASIL, 2025). Com esse ritmo acelerado de acesso e de uso da internet nas práticas cotidianas que já vinha acontecendo, a equipe responsável pelo Inaf chegou a 2020 com muitas ideias sobre como atualizar o indicador. Mas, então, aconteceu a pandemia de Covid-19, que impossibilitou uma nova edição do estudo. Paralelamente, a pandemia acabou por acelerar exponencialmente não apenas o ritmo de utilização de recursos digitais – especialmente nos estratos sociais de renda média e baixa, nos quais ainda não estava universalizado o acesso e uso à internet –, mas também a diversidade de atividades cotidianas possíveis e obrigatórias, ou não, de serem realizadas de forma *online*. Nesse meio tempo, o telefone celular tornou-se o meio de acesso por excelência para acessar plataformas e aplicativos em inúmeras atividades. Em 2024, 60% das pessoas acessavam a internet exclusivamente pelo telefone celular (COMITÊ GESTOR DE INTERNET NO BRASIL, 2025).

A realidade social atual vem sendo transformada pela presença de novas tecnologias digitais e de comunicação, em uma cultura digital que modifica

as práticas dos sujeitos com a leitura, a escrita e a matemática mediadas por ambientes digitais. A possibilidade de participação social já não exige apenas práticas de leitura e escrita de manuscritos e textos impressos, mas também habilidades para lidar com textos em contextos digitais, que fazem parte de uma rede hipertextual, com diversas linguagens e textos multimodais.

Nesse contexto, a coordenação do Inaf se debruçou sobre os conceitos e a metodologia de coleta de dados que definem o estudo, para definir um caminho para incorporar a dimensão digital ao indicador.

O processo de reformulação do Inaf procurou considerar discussões no campo do letramento digital, dos multiletramentos e da educação midiática, o que permitiu ajustar o indicador para incorporar práticas de leitura e de produção de textos multimodais em ambientes digitais, bem como as capacidades que lhes são inerentes – que envolvem processos como busca, seleção e análise crítica de conteúdos nesses ambientes.

Desenvolveu-se, assim, um levantamento teórico acerca do tema, bem como um mapa de iniciativas no campo da avaliação que pudessem inspirar o desenho de uma nova matriz, e na sequência, o processo de formulação do teste.

Tendo como referência os principais estudos internacionais¹ e a contribuição de especialistas no campo do letramento digital e dos multiletramentos, foram avaliadas diferentes alternativas de abordagens conceituais e formas de operacionalização.

A partir desses estudos, a matriz de descritores e de habilidades foi reformulada e foram elaborados os itens a serem previamente testados. Para isso, foi relacionado um amplo conjunto de habilidades associadas ao ambiente digital para, na sequência, delimitar um recorte de habilidades aderentes aos procedimentos metodológicos e aos recursos tecnológicos – em especial as interfaces que viabilizassem não apenas o novo formato dos itens do teste, mas também uma forma de aplicação digital. Percorreu-se assim, um caminho duplo. De um lado, procurou-se atualizar os descritores originais do Inaf e, de outro, analisar situações práticas da vida que mobilizam novos descritores no contexto digital.

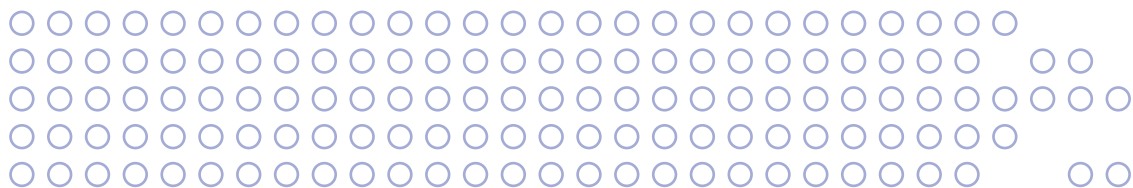
1 Entre as referências, pode-se citar Digcomp 2.2 (Vuorikari *et al.*, 2022, Transmedia Literacy (Scolari, 2018) e trabalhos do Grupo de Nova Londres.

Esse processo permitiu a reflexão e a análise sobre os limites e as condições necessárias para a aplicação do novo Inaf no formato digital.

Foi estudada também a criação de uma interface para ser acessada via aparelho celular, que contemplasse a nova dimensão digital, com uma aplicação piloto em pequena escala, para compreender os efeitos de uma interface digital nas habilidades que se pretendia medir. Foi considerada a importância de uma interface adequada à demanda e metodologicamente aplicável, com possibilidade de observação qualitativa do processo. Da mesma forma, era preciso respeitar a viabilidade logística futura de aplicação dessa interface, ou seja, um instrumento factível de ser aplicado nos diferentes contextos e realidades brasileiras, em especial no que se refere às condições de acesso à internet e à conectividade. Partiu-se, portanto, da necessidade de manter uma condição de aplicação capaz de garantir a cobertura do universo da população brasileira, em um modelo de entrevista domiciliar, feita presencialmente, capaz de garantir a aplicação no formato *offline*.

A aplicação focada na observação e na análise de ordem qualitativa dos itens do teste produziu importantes aprendizados a partir das observações das pesquisadoras envolvidas no processo de aplicação. O foco foi a reflexão sobre a usabilidade da interface e de seus limites, assim como sobre as formulações dos itens, seus formatos de perguntas e comandos. Afinal, formular perguntas a serem respondidas em papel é diferente de formular questões que implicam a resolução de atividades práticas que contemplem habilidades digitais.

Com base nesses estudos, ficou definido que a edição de 2024 do INAF seria feita a partir de um modelo “híbrido”, desenhado de modo a assegurar tanto a continuidade da série histórica de duas décadas quanto permitir compreender como se manifestam as habilidades de leitura, escrita e matemática no contexto digital – que passa a ser entendido como mais uma dimensão que, assim como o letramento e o numeramento, integra o conceito de alfabetismo.





Metodologia para a aplicação do Inaf 2024

A edição 2024 do Inaf foi construída sobre os alicerces metodológicos adotados ao longo das dez edições que a antecederam, para preservar, sempre que possível, a comparabilidade dos dados de sua série histórica.

A definição da amostra, a coleta de dados e seu processamento foram feitos por especialistas do Ipsos-Ipec², instituição especializada em pesquisas com o levantamento de dados a partir de entrevistas. Na pesquisa, foi adotada uma amostra representativa da população jovem e adulta brasileira, de 15 a 64 anos, estratificada com alocação proporcional à população brasileira em cada região. Dentro de cada uma das regiões, foram selecionadas amostras probabilísticas em três estágios (sorteio de municípios e setores censitários, pelo método Probabilidade Proporcional ao Tamanho). A seleção dos indivíduos a serem entrevistados foi feita por cotas proporcionais segundo sexo, idade, escolaridade e condição de ocupação.

DEFINIÇÃO AMOSTRAL

Para um estudo aprofundado sobre a situação da população jovem brasileira³, houve uma mudança na amostra do Inaf para a edição de 2024: além do universo de referência – a população brasileira jovem e adulta, entre 15 e 64 anos, residente em zonas urbanas e rurais de todas as regiões do país – foi acrescentado à amostra tradicional de 2 mil casos um complemento nas faixas etárias mais jovens, com o objetivo de analisar com maior profundidade a faixa etária entre 15 e 29 anos e, em especial, os jovens entre 15 e 19 anos. Assim, foram introduzidos dois novos procedimentos para a edição de 2024:

- Desproporcionalidade da amostra por faixas etárias, com ampliação da incidência de jovens entre 15 e 29 anos.

² A Ipsos é uma empresa internacional de pesquisas que adquiriu recentemente o Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica), fundado por executivos do antigo Ibope Inteligência, reconhecido por sua expertise em pesquisas de opinião feitas com estudos qualitativos e quantitativos.

³ Os resultados desse estudo sobre jovens serão publicados em um relatório à parte, específico para essa demanda.

- Complemento de entrevistas adicionais com jovens na faixa de 15 a 19 anos.

O efeito combinado desses dois procedimentos pode ser observado na tabela abaixo:

TABELA 1. AMOSTRA DA PESQUISA INAF 2024

	Referência de amostra proporcional à população brasileira de 15 a 64 anos		Amostra desproporcional planejada ampliando a faixa de 15 a 29 anos		Complemento planejado de 15 a 19 anos	Total de entrevistas planejadas		Total de entrevistas validadas para o processamento de dados	
	Nº de entrevistas	%	Nº de entrevistas	%	Nº de entrevistas	Nº de entrevistas	%	Nº de entrevistas	%
15 a 19 anos	205	10%	288	14%	544	832	33%	787	32%
20 a 29 anos	451	23%	608	30%		608	24%	584	24%
30 a 49 anos	880	44%	752	38%		752	30%	760	31%
50 a 64 anos	464	23%	352	18%		352	14%	349	14%
Total	2.000	100%	2.000	100%		2.544	100%	2.480	100%

O critério de arredondamento das frações dos resultados permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Para o cálculo dos resultados, as entrevistas foram ponderadas de modo que cada faixa etária tivesse o peso equivalente à sua proporção no universo.

A margem de erro estimada para o total da amostra é de 2 pontos percentuais.

Para as faixas de 15 a 29 anos e de 15 a 19 anos, o erro amostral é de 3 pontos percentuais para mais ou para menos, considerado um intervalo de confiança estimado de 95%.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas presenciais (domiciliares), mediadas por um aplicador.

Como nas demais edições, durante a aplicação, foram propostas questões para caracterização sociodemográfica, econômica, cultural e educacional dos entrevistados. O questionário de perfil incluiu, então, variáveis demográficas (sexo, idade, características do local de moradia, cor/raça), socioeconômicas

(condição de trabalho, renda familiar, trajetória escolar e de trabalho), e foram aprofundadas questões relacionadas ao acesso, uso e percepção de habilidades com as tecnologias de informação e comunicação. Nesta edição, em particular, para as questões relacionadas ao contexto digital, foram utilizadas referências e indicadores dos estudos e reflexões do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic)⁴, responsável pelos mais importantes estudos sobre o uso da internet no Brasil.

O teste cognitivo aplicado é composto de um conjunto de itens formulados a partir de diferentes suportes, de gêneros textuais e de contextos que compõem as práticas de letramento na sociedade brasileira. Os itens também contemplam diferentes graus de dificuldade e foram elaborados com base na nova Matriz de Habilidades (Anexo 1).

A matriz de referência do Inaf, conforme comentado, foi reestruturada em quatro grupos de habilidades, para contemplar tanto habilidades historicamente avaliadas quanto novas habilidades relacionadas ao alfabetismo no contexto digital. As habilidades são: 1) Reconhecer/decodificar; 2) Localizar/identificar; 3) Compreender/inferir e 4) Avaliar/refletir. A matriz integra os domínios do letramento, do numeramento e do contexto digital, considerando múltiplos campos de atuação social e de gêneros textuais.

A aplicação do teste cognitivo ocorreu em duas etapas: 1) Teste aplicado em papel, com algumas questões já propostas em edições anteriores, e novas questões, criadas para acompanhar a evolução da matriz de habilidades e dos temas e gêneros textuais mais alinhados à contemporaneidade; 2) Teste aplicado em interface digital, programada para ser acessada em telefones celulares – fornecidos pelos aplicativos – para simular situações comumente encontradas por usuários de diferentes plataformas e aplicativos, em múltiplos contextos. Os itens do teste digital foram elaborados a partir de estímulos que contemplavam situações muito próximas do cotidiano, que se referiam a conteúdos acessados por pessoas de diferentes idades. Também foram

4 O Cetic é responsável por produzir dados, indicadores e análises sobre o acesso e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no Brasil, em pesquisas nacionais regulares, como: TIC Domicílios (acesso e uso de TICs em residências), TIC Empresas, TIC Educação, TIC Saúde, TIC Governo, entre outras.

elaborados a partir de situações que exigiam habilidades procedimentais como, por exemplo, clicar em determinado link, assim como as demais habilidades digitais da matriz avaliativa. A Ipsos-Ipec contribuiu na construção da interface para a aplicação dos testes digitais e na estruturação dos registros no banco de dados.

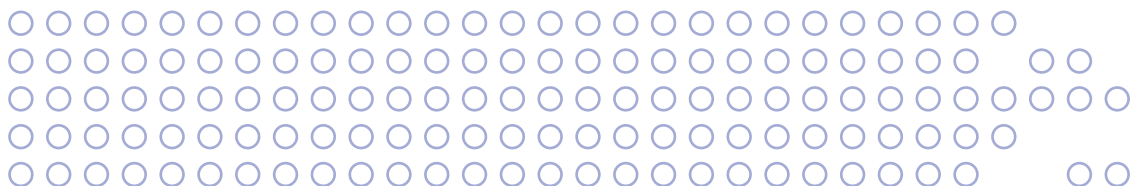
Os itens elaborados para avaliar as habilidades digitais não foram considerados no cálculo que determinou os níveis de alfabetismo tradicionais. Como se trata de um estudo ainda em processo de construção e consolidação, optou-se por manter a série histórica sem considerar estes itens e por produzir um estudo complementar sobre o desempenho no contexto digital. O presente relatório apresenta resultados básicos preliminares dos itens do teste que abordam o contexto digital. Será produzida uma publicação específica e aprofundada sobre esses dados em momento posterior.

No que se refere ao teste de papel, os resultados obtidos foram submetidos à Teoria da Resposta ao Item (TRI) para estimar os níveis de proficiência de cada indivíduo que compõe a amostra, a partir da seguinte escala e perspectiva, assim como nas edições anteriores do Inaf:

TABELA 2. NÍVEIS DE ALFABETISMO SEGUNDO ESCALA INAF

Analfabetos funcionais	Analfabeto	É considerada analfabeta a pessoa que não consegue executar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases, ainda que consiga ler números familiares (como o do telefone, da casa, de preços etc). Apresenta muita dificuldade em reconhecer e fazer operações básicas próprias das ferramentas digitais (<i>hiperlink, touch, scroll</i> , ampliação de texto ou de imagem) para resolver tarefas mais simples da vida social contemporânea.
	Rudimentar	A pessoa com alfabetismo rudimentar é capaz de localizar informações explícitas, expressas de forma literal, em textos compostos essencialmente de sentenças ou palavras. Além disso, consegue comparar, ler e escrever números familiares (horários, preços, cédulas/moedas, telefones), identificar o maior e o menor valor e resolver problemas que exploram situações do dia a dia que envolvem operações matemáticas mais elementares. No entanto, não consegue fazer tarefas do cotidiano que envolvam textos um pouco mais longos e complexos, ou que exijam alguma operação matemática mais elaborada. Consegue fazer tarefas da vida social mais básicas que requeiram ferramentas digitais.

Funcionalmente alfabetizados	Elementar	É considerado alfabetizado em nível elementar o indivíduo capaz de selecionar, em textos de extensão média, uma ou mais unidades de informação, em certas condições e com pequenas inferências. Ele também resolve problemas sobre operações básicas com números da ordem do milhar, que exigem certo grau de planejamento e controle. O alfabetizado funcional em nível elementar tem condição de comparar e relacionar informações numéricas ou textuais expressas em gráficos ou tabelas simples sobre situações de contexto cotidiano doméstico ou social. Consegue fazer tarefas da vida social mais básicas que requeiram ferramentas digitais.
	Intermediário	É considerado alfabetizado em nível intermediário o indivíduo capaz de localizar informação expressa de forma explícita ou não em textos diversos (jornalístico e/ou científico) e fazer pequenas inferências. Ele também está apto a resolver problemas matemáticos com porcentagem e proporção, que exigem critérios de seleção, elaboração e controle. Além disso, o alfabetizado intermediário interpreta e elabora a síntese de textos diversos (narrativos, jornalísticos ou científicos), relaciona regras com casos particulares, reconhece evidências e argumentos e confronta a moral da história com a própria opinião ou com o senso comum. Por fim, ele reconhece o efeito estético ou de sentido de escolhas lexicais ou sintáticas, de figuras de linguagem ou de sinais de pontuação. Aqueles que estão no nível intermediário de alfabetismo conseguem executar procedimentos com várias etapas em ambiente digital, para avançar ou concluir uma tarefa.
	Proficiente	O indivíduo proficiente, no topo da escala de alfabetismo funcional, elabora textos de maior complexidade (mensagem, descrição, exposição ou argumentação) com base em elementos de um contexto dado e opina sobre o posicionamento ou estilo do autor do texto. É capaz de interpretar tabelas e gráficos com mais de duas variáveis, compreende a representação de informação quantitativa (intervalo, escala, sistema de medidas) e reconhece efeitos de sentido (ênfases, distorções, tendências, projeções). A pessoa proficiente também está apta a resolver situações-problema relativas a tarefas de múltiplos contextos, que envolvem diversas etapas de planejamento, de controle e de elaboração, e que exigem a retomada de resultados parciais e de inferências. Espera-se que reconheça elementos textuais e quantitativos que permitam avaliar indícios para aferir a veracidade de uma narrativa ou informação, situações que implicam riscos (vírus, golpes, <i>links</i> , mensagens enviadas, <i>fake news</i>) e que elabore textos (mensagem/ <i>post</i> , descrição, exposição ou argumentação) com base em elementos do texto ou contexto dado.





Mãe e filho em momento de leitura compartilhada.

Principais resultados de 2024

A nova edição do Inaf traz evidências de que, mesmo após um intervalo de seis anos, não houve mudanças significativas no cenário do alfabetismo funcional no Brasil. E traz um alerta: alguns indicadores de alfabetismo oscilaram negativamente, possivelmente agravados por dois anos de descontinuidade nas trajetórias educacionais, especialmente entre os mais jovens, por conta da pandemia de Covid-19, além de fatores como o enfraquecimento das políticas para a Educação de Jovens e Adultos nos últimos anos.

TABELA 3. NÍVEIS DE ALFABETISMO NO BRASIL SEGUNDO O INAF (2001-2024), EM %

Nível	2001 2002	2002 2003	2003 2004	2004 2005	2007	2009	2011	2015	2018	2024
Analfabeto	12	13	12	11	9	7	6	4	8	7
Rudimentar	27	26	26	26	25	20	21	23	22	22
Elementar	28	29	30	31	32	35	37	42	34	36
Intermediário	20	21	21	21	21	27	25	23	25	25
Proficiente	12	12	12	12	13	11	11	8	12	10
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Analfabeto funcional*	39	39	38	37	34	27	27	27	30	29
Alfabetizado em nível elementar	28	29	30	31	32	35	37	42	34	36
Alfabetizado em nível consolidado**	32	33	33	33	34	38	36	31	37	35
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Analfabeto funcional	39	39	37	37	34	27	27	27	29	29
Alfabetizado em nível consolidado	61	61	63	63	66	73	73	73	71	71
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

* Indivíduos classificados nos níveis analfabeto e rudimentar compõem o grupo denominado analfabeto funcional.

** Indivíduos classificados nos níveis intermediário e proficiente compõem o grupo denominado alfabetismo consolidado. O critério de arredondamento das frações dos resultados permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Fonte: Inaf 2001-2024.

O histórico evidencia que, após a redução contínua na proporção de analfabetos funcionais até o ano de 2009, essa proporção deixou de cair, e continuou inalterada desde então. Isso representa quase 1 a cada 3 pessoas na faixa de idade considerada no estudo.

De acordo com os resultados do Inaf, cerca de 40,8 milhões de jovens e adultos brasileiros (29%) podem ser considerados analfabetos funcionais.

Escolaridade e níveis de alfabetismo

Dados do IBGE referentes ao período de 2000 a 2022 evidenciam a transformação no panorama educacional brasileiro nessas décadas decorridas desde a primeira edição do Inaf, em 2001. Essa transformação reflete os avanços obtidos com a expansão da educação pública no período, em que se aproximou da universalização do acesso ao Ensino Fundamental, além de uma grande expansão do acesso ao Ensino Médio e de sua conclusão, assim como um aumento significativo do acesso ao ensino superior.

De acordo com dados divulgados pela Agência IBGE, a média de anos de estudo da população brasileira com 25 anos ou mais passou de aproximadamente 6 anos em 2001 para 10,1 anos em 2024. Isso significa passar a incorporar, para a média da população, toda a etapa dos anos finais do Ensino Fundamental (IBGE, 2025).

No que diz respeito à frequência escolar, observa-se crescimento em todas as faixas etárias entre 2000 e 2022. Para a faixa de 0 a 3 anos, a taxa bruta aumentou de 9% para 34%. Na faixa de 4 a 5 anos, esse índice subiu de 51% para 87%; entre 6 e 14 anos, a frequência escolar atingiu 98%, o que indica quase universalização. Entre adolescentes de 15 a 17 anos, a proporção passou de 77% para 85% (IBGE, 2023). A única faixa etária que apresentou redução na frequência foi a de jovens de 18 a 24 anos –, potenciais educandos da EJA – com

queda de 31% para 28%, devido à diminuição do número de jovens ainda cursando o Ensino Médio ou níveis anteriores (IBGE, 2025).

Em relação à escolaridade por nível de ensino, entre os brasileiros com 25 anos ou mais, a proporção de pessoas com nível superior completo passou de 7% em 2000 para 18% em 2022, ou seja, cresceu cerca de 2,7 vezes. Já o percentual da população sem instrução ou com Ensino Fundamental incompleto caiu de 63% para 35% (IBGE, 2025).

Essa tendência de elevação da escolarização também revela desigualdades: entre a população preta e parda com 25 anos ou mais, o percentual com nível superior completo aumentou de 2% para 12%, ou seja, cresceu cerca de 5,5 vezes no período. Já entre brancos esse índice subiu de 10% para 26%, um crescimento de 2,6 vezes. Embora o crescimento tenha sido mais acelerado entre os grupos historicamente excluídos, as disparidades persistem (IBGE, 2025).

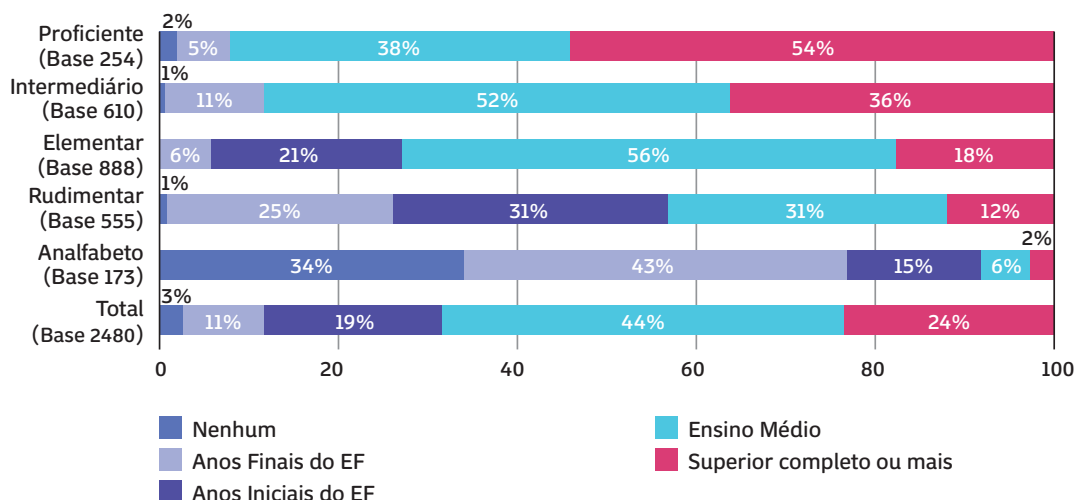
Ainda em 2022, o IBGE identificou que as mulheres com 25 anos ou mais apresentavam maior escolaridade média do que os homens: 21% delas tinham nível superior completo, enquanto essa proporção era de 16% entre os homens (IBGE, 2025).

O avanço na oferta e no acesso à educação no Brasil certamente se reflete nos resultados do Inaf ao longo dos anos. Esse dado fica evidente principalmente nos comparativos entre níveis de alfabetismo e faixas etárias, que mostram que pessoas mais jovens têm melhores níveis de alfabetismo⁵.

Nesse sentido, como nas demais edições do Inaf, a escolaridade se destaca como um importante fator para a condição de alfabetismo da população, ainda que não seja, por si só, suficiente para garantir altos níveis de proficiência. Como esperado, quanto maior o nível de escolarização, maior é a concentração de pessoas nos patamares superiores da escala Inaf, como mostram os gráficos que seguem.

5 As análises sobre níveis e faixas etárias serão apresentadas e aprofundadas mais adiante.

GRÁFICO 1. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E ESCOLARIDADE, INAF 2024
(% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)



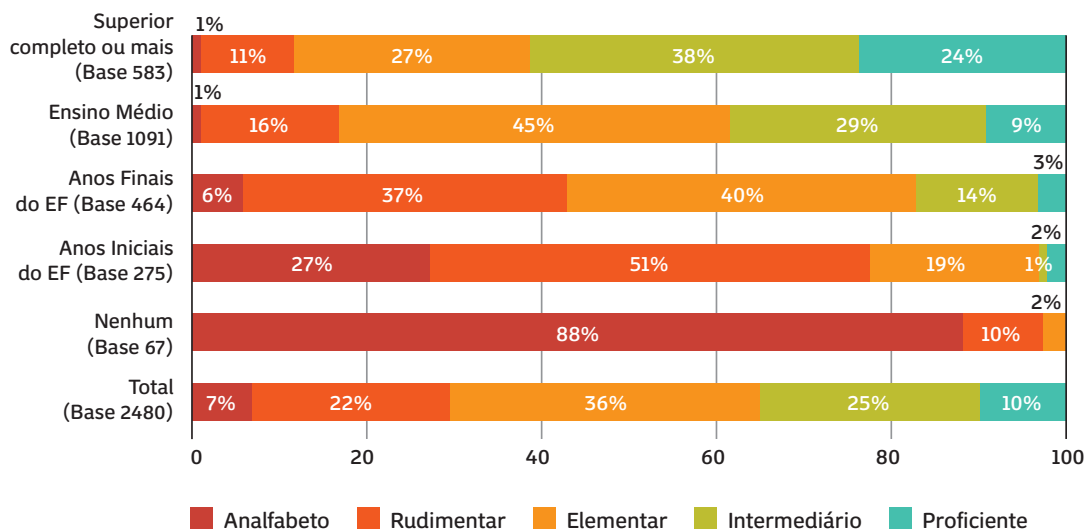
O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Fonte: Inaf 2024.

A análise dos dados do Gráfico 1, que apresenta os percentuais de escolaridade, segundo os níveis de alfabetismo, revela uma relação direta entre escolaridade formal e proficiência em leitura, escrita e matemática. Entre as pessoas consideradas analfabetas, 77% não frequentaram a escola ou cursaram apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental, e 15% chegaram a cursar ou concluir os anos finais desse mesmo nível. No grupo com alfabetismo rudimentar, 26% não frequentaram a escola ou cursaram apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental, e 31% cursaram ou concluíram os anos finais do Ensino Fundamental. Já entre os que apresentam nível elementar de alfabetismo, não há ninguém sem escolaridade; apenas 6% cursaram até os anos iniciais do Ensino Fundamental; e 21% cursaram ou concluíram os anos finais. No nível intermediário, também não há entrevistados que não tenham frequentado a escola; apenas 1% não frequentaram a escola ou cursaram apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental; e 11% cursaram ou concluíram os anos finais. Além disso, 52% chegaram a cursar ou concluir o Ensino Médio e 36% acessaram o Ensino Superior ou mais. Entre as pessoas consideradas proficientes, apenas 2% não frequentaram a escola ou cursaram apenas os anos iniciais do

Ensino Fundamental, e 5% cursaram ou concluíram os anos finais. Observa-se que 38% cursaram ou concluíram o Ensino Médio, e que 54% chegaram ao Ensino Superior ou mais.

GRÁFICO 2. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E ESCOLARIDADE, INAF 2024 (% NO GRAU DE ESCOLARIDADE)



O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Fonte: Inaf 2024.

O Gráfico 2, no qual são apresentados os percentuais a partir do grau de escolaridade em relação aos níveis de alfabetismo, mostra que a grande maioria das pessoas sem nenhuma escolaridade ou daquelas que cursaram apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental é considerada analfabeta funcional (respectivamente 98% e 78%). Entre aquelas que chegaram a cursar ou concluir os anos finais do Ensino Fundamental, a quantidade de pessoas consideradas analfabetas funcionais diminuiu para 43%, um índice ainda alto para o que se espera de pessoas com esse nível de escolaridade. O gráfico mostra também que, entre as pessoas que cursaram algum ano do Ensino Médio, 45% estão no nível elementar e apenas 38% estão nos níveis intermediário e proficiente. Além disso, apenas 62% das pessoas com Ensino Superior alcançaram os níveis mais altos da escala de alfabetismo.

É importante destacar que o Inaf 2024 mostra uma proporção significativa de pessoas que chegaram ao Ensino Médio, mas que não são consideradas funcionalmente alfabetizadas, ou seja, não apresentam habilidades de letramento e de numeramento que deveriam ter sido consolidadas no Ensino Fundamental. De acordo com o Inaf 2024, 1% daquelas que chegam ou concluem o Ensino Médio são consideradas analfabetas e 16% estão no nível rudimentar, ou seja, 17% não são consideradas funcionalmente alfabetizadas.

A presença de entrevistados que concluíram o Ensino Médio com níveis baixos de alfabetismo evidencia que ter frequentado a escola não assegura ter todas as habilidades necessárias para fazer uso da leitura e da escrita em diferentes contextos da vida cotidiana. Essas habilidades são esperadas de um estudante que concluiu o Ensino Básico.

Indicadores da educação brasileira, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), têm evidenciado a dificuldade de promover o avanço da qualidade do ensino no país. Em 2023, considerando a escala de 0 a 10, o índice no Brasil ficou em 4,3, e foi de 4,2 em 2021. Com isso, a meta prevista para 2021, de 5,2, continua distante.

No Brasil, observa-se ainda a necessidade de promover estudos e conhecimento sobre os fenômenos que mantêm as desigualdades educacionais, para encontrar os caminhos para inovar e garantir avanços mais significativos. Reverter as metodologias de avaliação de aprendizagem, bem como seu papel como principal indutor da melhora da qualidade, são temas que têm merecido crescente atenção por parte de gestores educacionais e especialistas. A valorização dos professores e o fortalecimento das políticas de formação docente também têm sido indicados como ações essenciais para promover avanços na qualidade de um ensino com equidade, objetivos que se mostram crescentemente desafiadores.

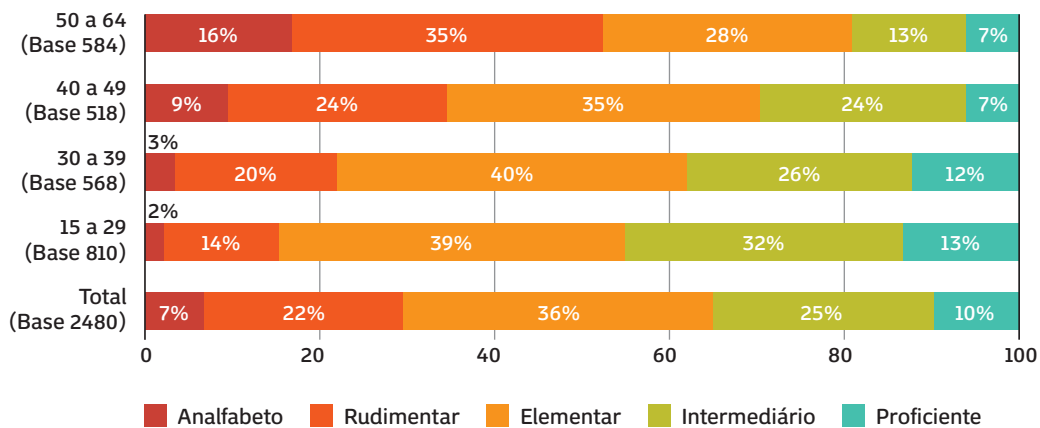
Níveis de alfabetismo e faixas etárias

Níveis de alfabetismo são mais elevados entre os mais jovens e mais escolarizados

Como apontado anteriormente, os resultados do Inaf refletem, em alguma medida, os efeitos da ampliação da oferta educacional no país, uma vez que se

observam melhores níveis de alfabetismo entre as faixas etárias mais jovens. Ou seja, quando a análise é aprofundada a partir das faixas etárias, o Inaf 2024 mostra diferenças significativas na proporção de analfabetos funcionais entre mais jovens e mais velhos: enquanto 16% de jovens entre 15 e 29 anos situam-se na condição de analfabetos funcionais, esse valor chega a 23% entre brasileiros de 30 e 39 anos, sobe para 33% entre os que têm 40 a 49 anos e aumenta para 51% entre 50 e 64 anos (Gráfico 3). Logo, existe um contingente muito grande de pessoas analfabetas funcionais no Brasil, que são potenciais estudantes para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

GRÁFICO 3. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E FAIXAS ETÁRIAS, INAF 2024 (% NAS FAIXAS ETÁRIAS)

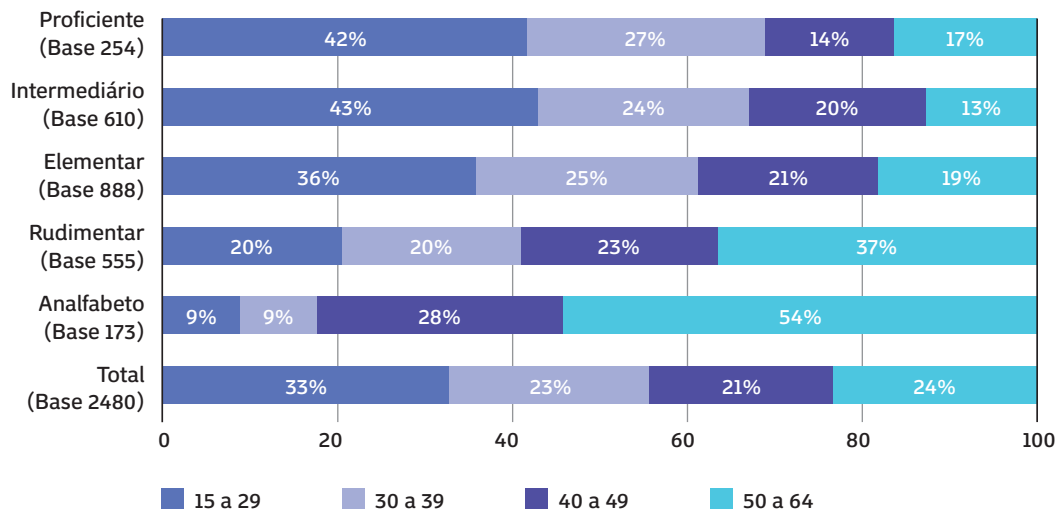


O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Fonte: Inaf 2024.

A análise a partir dos níveis de proficiência (Gráfico 4) mostra que os maiores percentuais de pessoas no nível mais alto da escala de proficiência concentram-se nas faixas etárias de 15 a 29 anos (42%) e de 30 a 39 anos (27%), enquanto os percentuais mais baixos de pessoas nesse nível são daquelas entre 40 e 49 anos (14%) e 50 a 64 anos (17%). Isso evidencia os efeitos positivos das políticas de inclusão e valorização da escola para crianças e jovens, implementadas nas últimas três décadas, e uma provável projeção de elevação do alfabetismo geral da população brasileira a longo prazo.

GRÁFICO 4. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E FAIXAS ETÁRIAS, INAF 2024 (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)

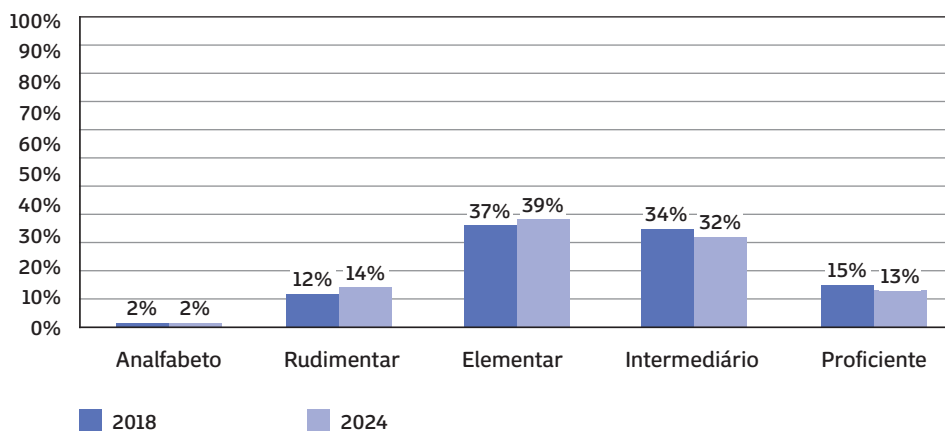


O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Fonte: Inaf 2024.

No entanto, observa-se que os valores oscilaram negativamente, ou seja, aumentou a quantidade de analfabetos funcionais em comparação a 2018, quando a proporção de jovens de 15 a 29 anos nos níveis mais baixos da escala de alfabetismo era de 14%. Em 2024, esse número subiu dois pontos percentuais (Gráfico 5).

GRÁFICO 5. PROPORÇÃO DE JOVENS DE 15 A 29 ANOS ANALFABETOS FUNCIONAIS EM 2018 E 2024



Fonte: Inaf 2018 e 2024.

Assim, embora muitos brasileiros tenham sido beneficiados por iniciativas voltadas à ampliação do acesso à educação básica, como se viu nos Gráficos 3 e 4, ainda é expressivo o número de jovens que se encontram no nível de alfabetismo elementar: 36% entre os que têm de 15 a 29 anos e 25% entre os de 30 a 39 anos (Gráfico 4). Esses dados indicam que, embora o acesso à educação tenha sido ampliado, persistem desafios quanto à qualidade e à efetividade do processo de escolarização.

Um ponto a ser destacado é que há uma proporção significativa de pessoas no nível elementar em todas as faixas etárias. Os dados indicam que 36% dos brasileiros entre 15 e 64 anos estão no nível elementar e, portanto, embora funcionalmente alfabetizados, têm significativas limitações para relacionar-se com as demandas cotidianas de uma sociedade letrada. Entre aqueles com idade entre 15 e 29 anos e 30 e 39 anos, esses valores representam cerca de 4 em cada 10 pessoas (39% e 40%, respectivamente). Para aqueles com 40 a 49 anos, é de 35% e, para os mais velhos, de 50 a 64 anos, 28%. Somente nessa última faixa etária as pessoas no nível elementar não são a maioria (Gráfico 3).

Convém explicitar ainda que pessoas com 50 anos ou mais, que não puderam acessar a escola de forma democratizada como as crianças e os jovens de hoje ou de 30 anos atrás, permanecem nos mesmos níveis de alfabetismo. Na ausência de investimentos educativos substantivos e específicos para esse público, como a Educação de Jovens e Adultos, e com a perspectiva de envelhecimento da população, os índices de analfabetismo no Brasil permanecerão elevados. Esse grupo de pessoas permanecerá com seus direitos educacionais fundamentais negados.

Níveis de alfabetismo e gênero

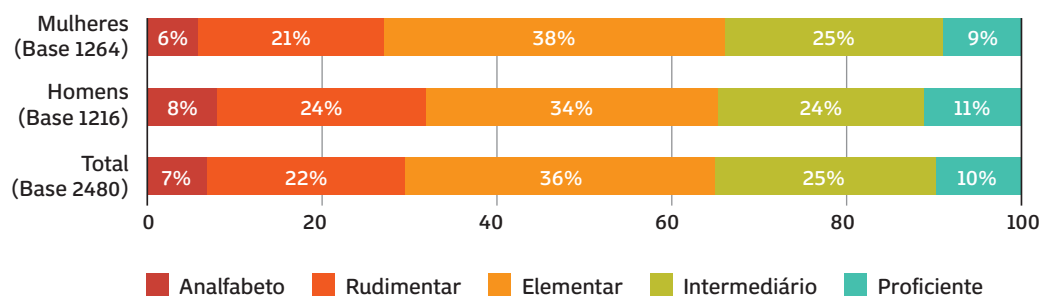
Mulheres apresentam menores taxas de analfabetismo funcional em comparação aos homens, mas enfrentam obstáculos para avançar nos níveis mais altos de proficiência

A edição 2024 do Inaf confirma a tendência já verificada nos anos anteriores, que situa as mulheres em níveis de alfabetismo superiores aos homens, o que reflete seus melhores indicadores educacionais: enquanto 32% dos

homens são considerados analfabetos funcionais, esse índice está em 27% entre as mulheres (Gráfico 6). Já nos níveis mais altos da escala de alfabetismo (níveis intermediário e proficiente), os percentuais se aproximam, com uma proporção de 35% dos homens e de 34% das mulheres nesses níveis.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2025) mostram que as mulheres (com 25 anos ou mais) estudam mais do que os homens: têm em média 10,3 anos de estudo, enquanto os homens têm 9,9 anos. Além disso, em 2024, 57,8% delas concluíram o Ensino Básico, enquanto esse percentual para os homens foi de 54%. Apesar disso, conforme indicado, verificou-se que os dados continuam muito parecidos nos níveis mais altos da escala. Vê-se ainda uma pequena vantagem para os homens: 24% estão no nível intermediário e 11% no nível proficiente, enquanto, entre as mulheres, 25% estão no nível intermediário e 9% são proficientes. Ou seja, no nível mais alto da escala há uma diferença de dois pontos percentuais a mais para os homens. É importante apontar, então, que apesar da ampliação da escolarização das mulheres, o avanço não se reflete nos níveis mais altos de proficiência, o que revela que a desigualdade de gênero ainda persiste, ainda que as mulheres estejam mais presentes nas escolas.

GRÁFICO 6. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E SEXO, INAF 2024 (% NOS GRUPOS POR SEXO)



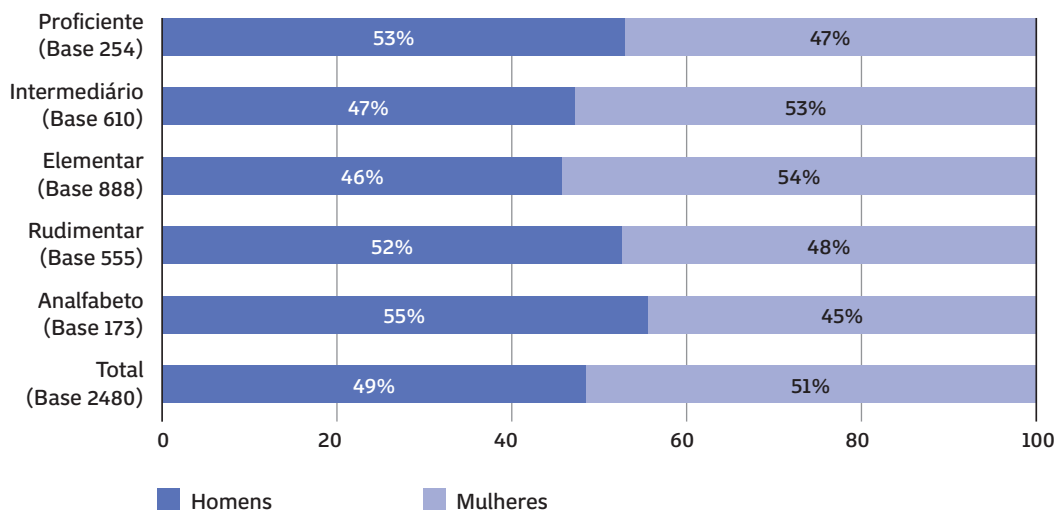
O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Fonte: Inaf 2024.

A análise a partir dos níveis de proficiência (Gráfico 7) revela que, entre os indivíduos classificados como analfabetos e em nível rudimentar, os homens

são maioria. Os homens representam 55% das pessoas analfabetas, e as mulheres, 45%. Entre pessoas no nível rudimentar, eles representam 52%, o que equivale a aproximadamente quatro pontos percentuais a mais que as mulheres, que somam 48%. No nível de alfabetismo elementar, observa-se uma inversão nesse padrão: as mulheres correspondem a 54%, enquanto os homens totalizam 46%. No nível intermediário, as mulheres representam 53% desse universo. Já no nível mais alto da escala de alfabetismo, os homens superam as mulheres por as pessoas consideradas proficientes (53% e 47%, respectivamente).

GRÁFICO 7. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E SEXO, INAF 2024 (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)



O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

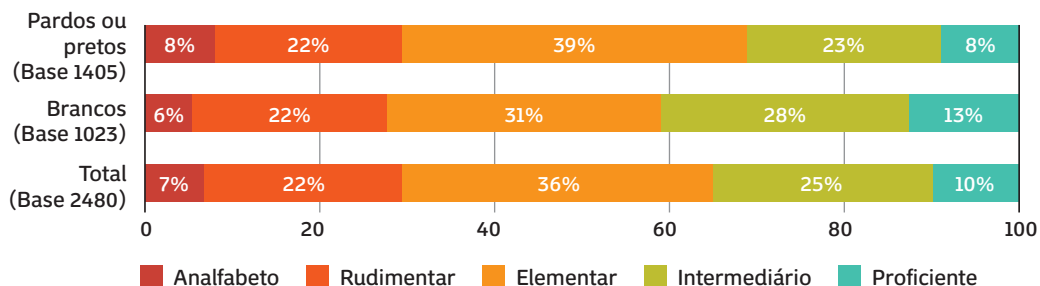
Fonte: Inaf 2024.

Níveis de alfabetismo e raça/cor

Distância no nível de alfabetismo entre brancos e negros

O Inaf 2024 mostra que continua existindo uma desigualdade significativa nos níveis de alfabetismo das pessoas que se autodeclararam pretas e pardas quando comparadas àquelas que se identificam como brancas. Entre os brasileiros de 15 a 64 anos que se declararam brancos, 28% são classificados como analfabetos funcionais; entre os que se declaram pardos ou pretos, analisados conjuntamente, essa proporção é de 30%.

GRÁFICO 8. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E COR/RAÇA, INAF 2024 (% NOS GRUPOS POR RAÇA/COR)

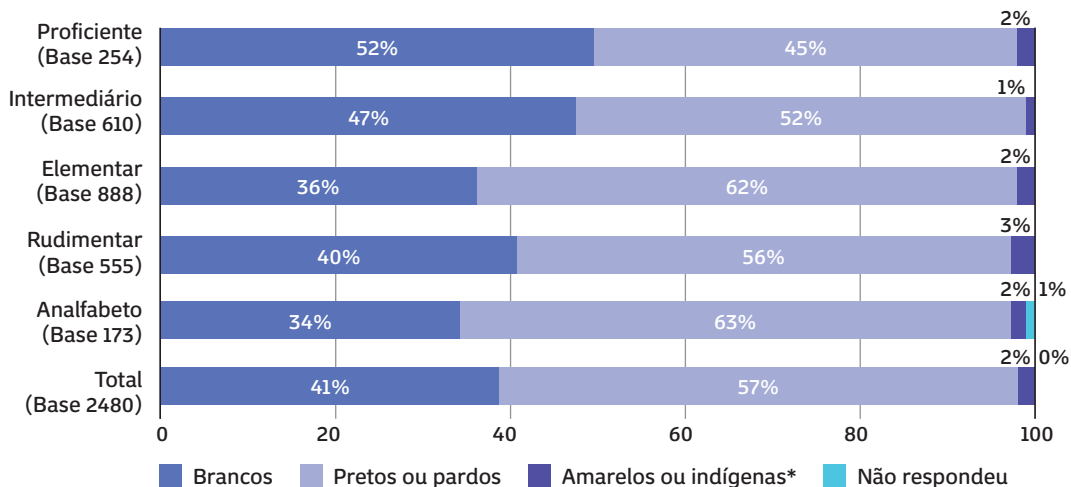


Fonte: Inaf 2018 e 2024.

No outro extremo da escala Inaf, o dado de 2024 mostra a manutenção da desigualdade: entre brasileiros e brasileiras de 15 a 64 anos que se autodeclararam pretos e pardos, a proporção daqueles posicionados nos dois níveis mais altos da escala ficou em 31%, enquanto entre os que se autodeclararam brancos, a proporção é de 41%.

Ao analisar os índices por níveis de alfabetismo (Gráfico 9), observa-se uma diferença expressiva quando se comparam pessoas que se autodeclararam brancas e pessoas que se autodeclararam negras, especialmente nos níveis mais baixos de proficiência.

GRÁFICO 9. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E COR/RAÇA, INAF 2024 (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)



O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados. * Para melhor leitura do gráfico, em razão do baixo número de pessoas que se autodeclararam amarelas ou indígenas, essas duas categorias foram reunidas. Fonte: Inaf 2024.

Entre pessoas no nível mais baixo da escala de alfabetismo, ou seja, aquelas consideradas analfabetas, 34% se autodeclararam brancas, enquanto 63% se autodeclararam pretas ou pardas, uma diferença de 29 pontos percentuais. O percentual de pessoas no nível rudimentar que se declara branca é de 40%; esse percentual sobe para 56% para pessoas que se declaram negras. A desigualdade é ainda acentuada no nível de alfabetismo elementar, com 36% dos que se autodeclararam brancos e 62% dos que se autodeclararam negros nesse nível. Por outro lado, nos níveis mais altos de alfabetismo, a discrepância é um pouco menor. Entre aqueles de nível intermediário, 47% deles se autodeclararam brancos e 52%, negros. O número volta a cair quando se compara o nível de pessoas brancas e de negras proficientes. No nível mais alto da escala, os que se autodeclararam brancos são em 52%, enquanto os que se autodeclararam negros são 45%, uma diferença de sete pontos percentuais.

Tais dados evidenciam a urgência do combate às desigualdades historicamente impostas à população negra e a relevância da adoção de políticas afirmativas e antirracistas no campo educacional, entre as quais se destacam a implementação efetiva da Lei n. 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos do ensino fundamental e médio. Essa legislação, juntamente à Lei n. 11.645/2008, que amplia esse marco legal ao incorporar também a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena, visa garantir a promoção de um ensino mais inclusivo, plural e comprometido com a equidade racial. Sua plena implementação contribui para a valorização das identidades negras e indígenas, o reconhecimento de suas contribuições à formação da sociedade brasileira e o enfrentamento do racismo estrutural.

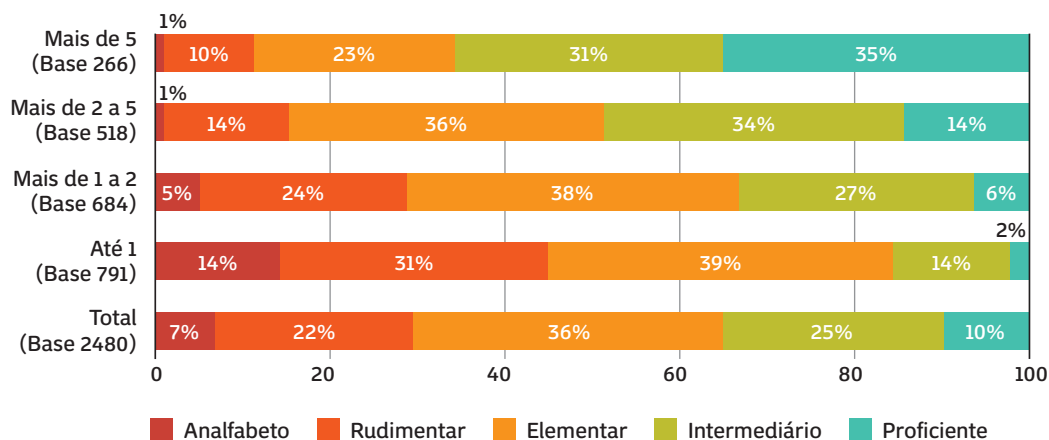
Níveis de alfabetismo e renda familiar

A renda familiar se amplia conforme crescem os níveis de alfabetismo

Como em outras edições do Inaf, é possível observar uma associação direta entre a renda familiar e o nível de alfabetismo da população. Há um número elevado de pessoas que recebem mais de cinco salários mínimos entre aquelas nos níveis mais altos da escala (intermediário e proficiente), atingindo 66% (Gráfico 10). Entre aquelas com renda entre dois e cinco salários mínimos, esse

índice é de 48%. Já entre os que recebem de um a dois salários mínimos, o percentual cai para 33%, e entre os que vivem com até um salário mínimo, apenas 16% alcançam os níveis mais altos da escala de alfabetismo.

GRÁFICO 10. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E RENDA FAMILIAR, INAF 2024 (% NA RENDA FAMILIAR)*



* 117 pessoas desta amostra não declararam sua renda familiar.

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

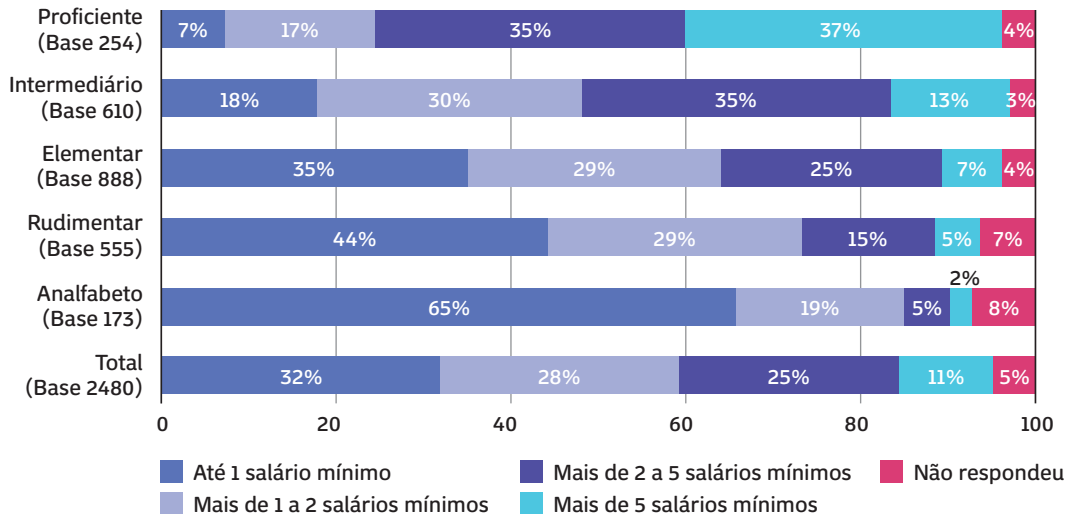
Fonte: Inaf 2024.

Essa desigualdade se manifesta principalmente entre analfabetos: 65% das pessoas nesse nível de alfabetismo declararam uma renda familiar de até um salário mínimo (Gráfico 11). No nível rudimentar, elas são em 44%, e no nível elementar, 35%. A diminuição do percentual continua conforme aumentam os níveis de alfabetismo: aqueles que recebem até um salário mínimo são em menor número nos níveis intermediário (18%) e proficiente (7%). O oposto se observa entre aqueles com maior renda familiar.

Entre os indivíduos com nível de alfabetismo proficiente, 72% têm renda familiar superior a dois salários mínimos. Já no caso dos analfabetos, essa proporção se inverte de forma marcante: apenas 7% daqueles considerados analfabetos declaram uma renda familiar de mais de dois salários mínimos, ao passo que 84% de quem declarou receber até dois salários mínimos são classificados como analfabetos.

Quanto ao nível elementar, observa-se a mesma tendência daquela que foi observada nos níveis mais baixos de alfabetismo: à medida que a renda familiar aumenta, o percentual de pessoas nesse nível diminui.

GRÁFICO 11. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E RENDA FAMILIAR, INAF 2024 (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)



O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Fonte: Inaf 2024.

Isso reforça a relação direta entre condição socioeconômica e proficiência em alfabetismo. Pessoas com maiores rendas tendem a alcançar níveis mais elevados de alfabetismo, enquanto aquelas em situação de maior vulnerabilidade econômica estão mais concentradas nos níveis mais baixos. O fator econômico condiciona não apenas o acesso a bens culturais legitimados socialmente, mas também o próprio exercício do direito à educação em sua plenitude. Indivíduos com maior renda enfrentam menos barreiras estruturais – como a necessidade de trabalhar precocemente, a precariedade da infraestrutura escolar ou a descontinuidade dos estudos –, o que favorece trajetórias educacionais mais estáveis e aumenta as chances de alcançar o alfabetismo consolidado.

Níveis de alfabetismo e mundo do trabalho

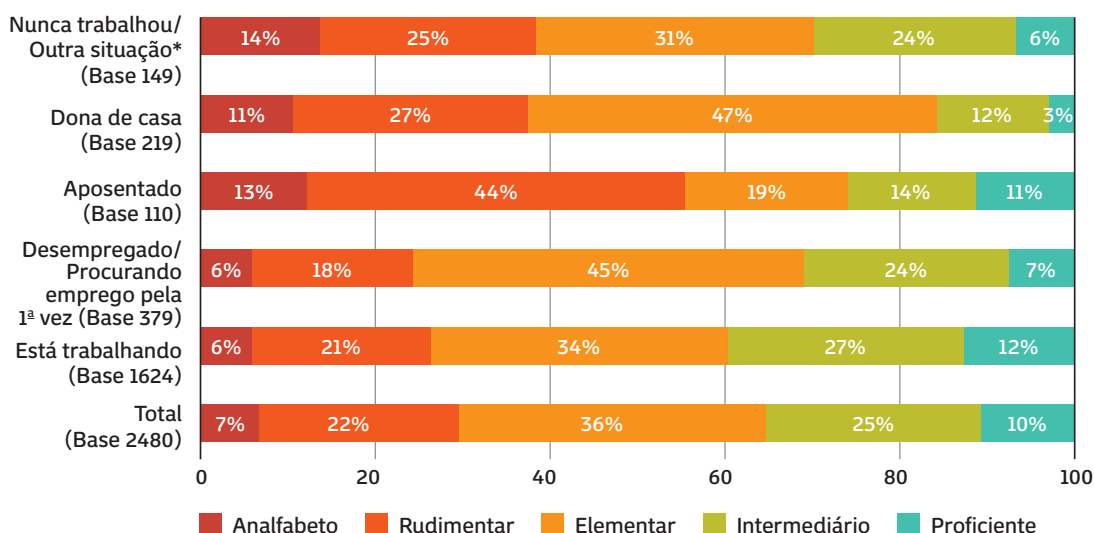
Quanto maior o nível de alfabetismo, maior a probabilidade de inserção no mercado de trabalho.

Os dados indicam que cresceu de 56% para 65% a proporção dos indivíduos da amostra do Inaf 2024 que estavam trabalhando no momento da entrevista,

em comparação a 2018, e caiu de 22% para 15% a proporção dos desempregados ou dos que procuram o primeiro emprego.

Os resultados do Inaf 2024 alertam sobre o impacto dos baixos níveis de alfabetismo da força de trabalho no Brasil: 27% dos trabalhadores são analfabetos funcionais, 34% atingem apenas o nível elementar de alfabetismo e uma proporção equivalente a 39% atinge os níveis intermediário e proficiente de alfabetismo (Gráfico 12).

GRÁFICO 12. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E SITUAÇÃO DE TRABALHO, INAF 2024 (% NA SITUAÇÃO DE TRABALHO)



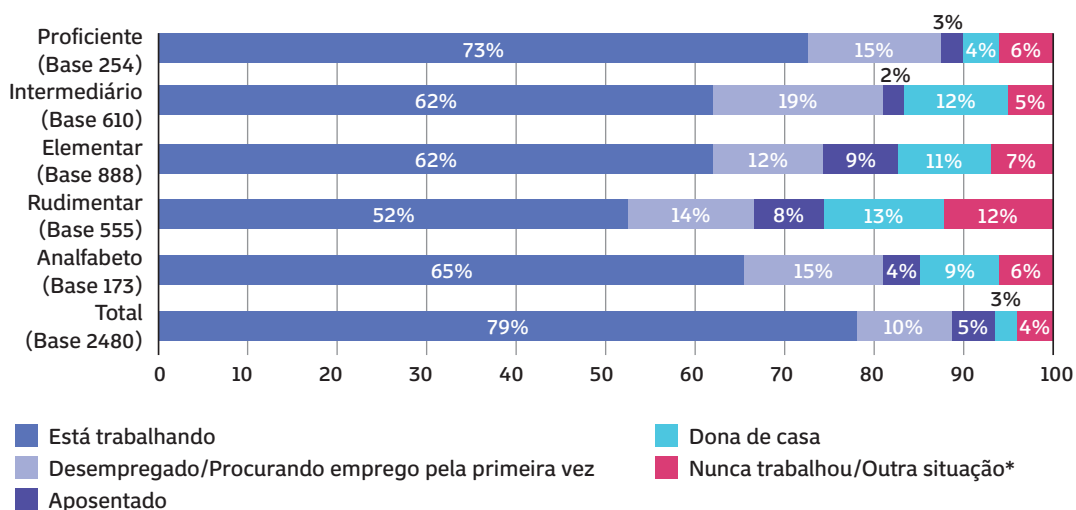
* Vive de renda, recebe pensão etc.

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Fonte: Inaf 2024.

Observa-se uma relação entre os níveis de alfabetismo e a situação no trabalho: 52% dos que foram classificados como analfabetos, 62% dos que estão no nível rudimentar e 62% dos que estão no nível elementar declararam estar trabalhando. A proporção aumenta à medida que crescem os níveis de alfabetismo: 73% dentre os que têm um nível intermediário e 79% entre os proficientes declararam estar trabalhando (Gráfico 13).

GRÁFICO 13. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E SITUAÇÃO DE TRABALHO, INAF 2024 (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)



* Vive de renda, recebe pensão etc.

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

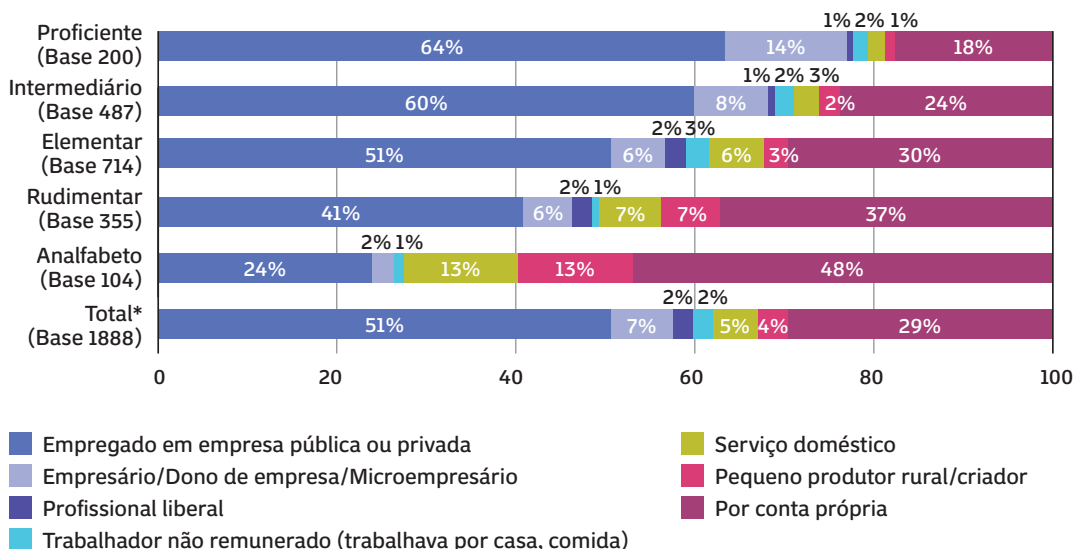
Fonte: Inaf 2024.

Entre as pessoas que estavam trabalhando consideradas analfabetas, 48% atuavam por conta própria, enquanto nos níveis elementar, intermediário ou proficiente, predominava o emprego em empresas privadas (Gráfico 14). Quanto menor o nível de alfabetismo, maior a concentração de atividades marcadas pela informalidade ou pelo trabalho autônomo. Nos níveis analfabeto e rudimentar, observa-se também maior presença de trabalhadores rurais e domésticos.

Dentre os que estavam trabalhando, verificou-se que, quanto mais proficiente é o indivíduo, mais ele faz uso da leitura no ambiente de trabalho (Gráfico 15). No caso dos e-mails, por exemplo, entre os rudimentares, apenas 27% afirmaram utilizar e-mail no trabalho, ao passo que, entre os proficientes, essa proporção alcança 70%. De forma semelhante, 74% dos analfabetos declararam não realizar nenhuma atividade de leitura no trabalho, contra apenas 6% dos proficientes. Esse quadro revela que indivíduos com baixo nível de alfabetismo tendem a ser excluídos das práticas de leitura no mundo do trabalho, o que reforça sua condição de não leitores também nas demais esferas sociais. Nesse sentido, para grande parte dos que apresentam baixo letramento, o trabalho

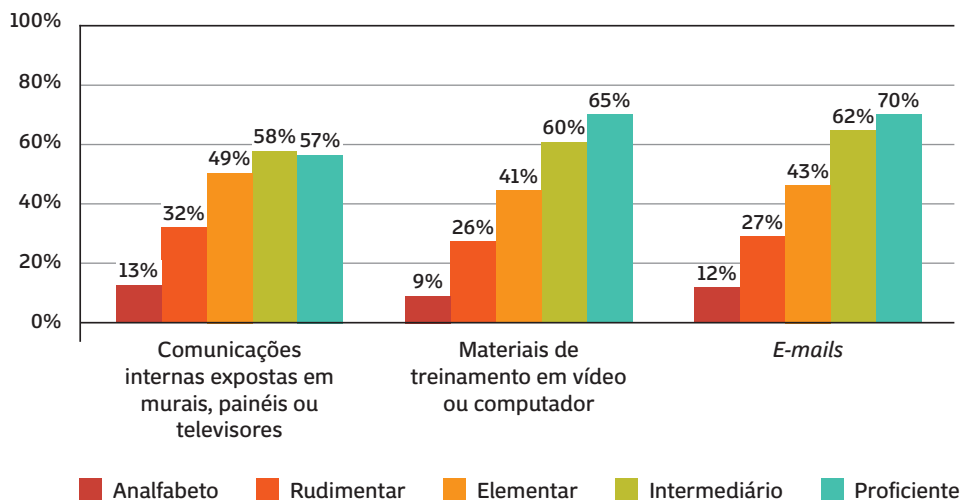
não se configura como uma agência de letramento, reproduzindo as desigualdades de acesso à cultura escrita presentes em outros setores da sociedade.

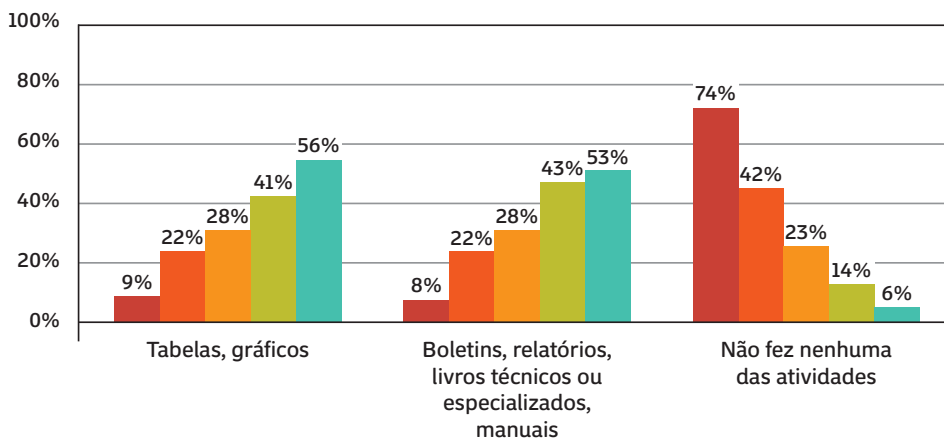
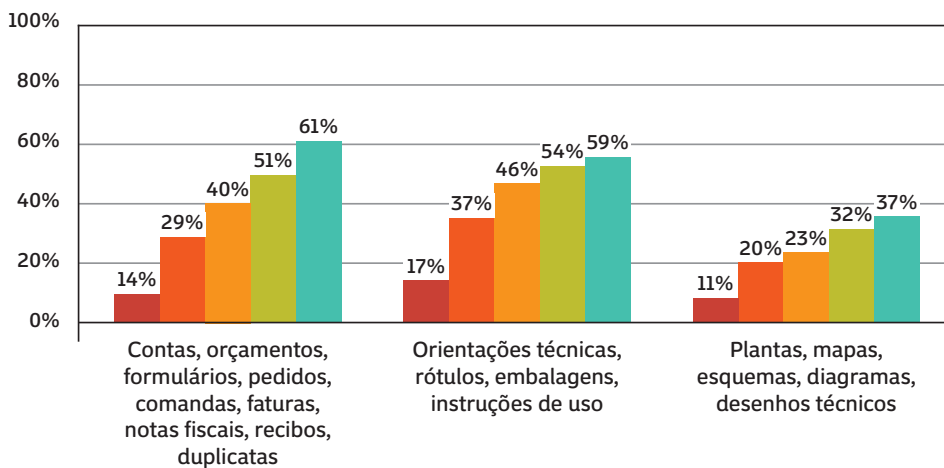
GRÁFICO 14. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E TIPO DE TRABALHO, INAF 2024 (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)



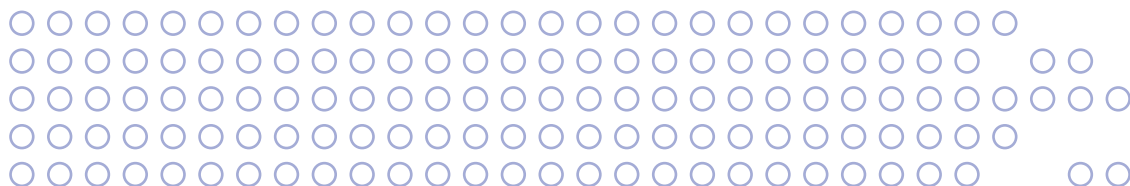
*Foram consideradas apenas as pessoas que declararam trabalhar ou já ter trabalhado.
O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.
Fonte: Inaf 2024.

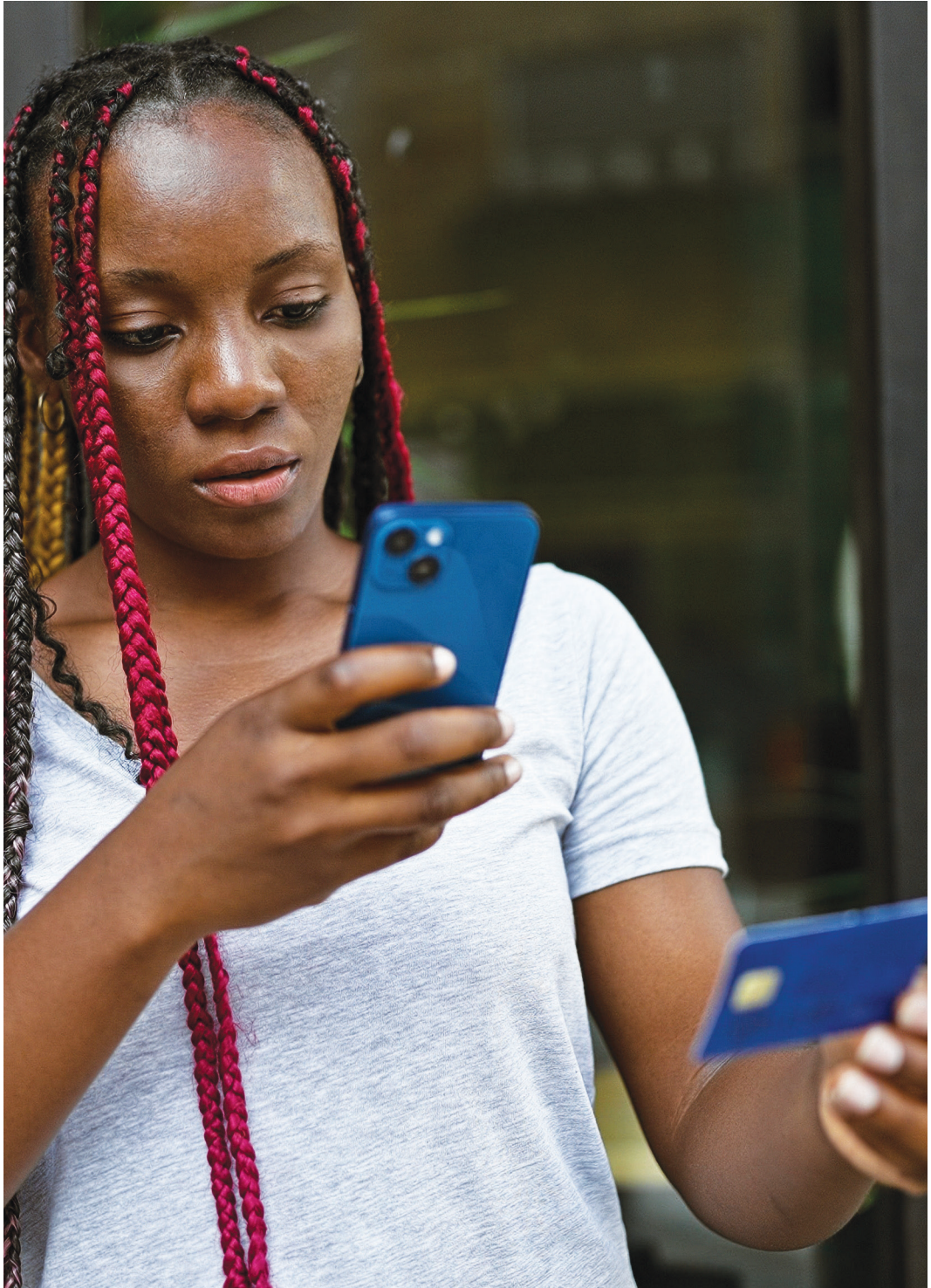
GRÁFICO 15. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E TIPO DE LEITURA REALIZADA NO TRABALHO, INAF 2024 (% NOS TOTAIS)





■ Analfabeto
 ■ Rudimentar
 ■ Elementar
 ■ Intermediário
 ■ Proficiente





Mulher faz uso do celular para acessar serviços bancários.

Avaliação no formato digital

Em 2024, parte do teste Inaf passou a ocorrer no formato digital, uma vez que foi considerado que não é mais possível definir níveis de alfabetismo sem levar em conta as formas de interação com a leitura e a escrita no contexto digital. Ser funcionalmente alfabetizado no século 21 inclui considerar os usos que se faz da leitura e da escrita para desempenhar inúmeras tarefas em plataformas e sites que já são parte da vida cotidiana.

Neste item, serão analisados, primeiramente, os níveis de acesso e de uso da internet relacionados aos níveis de alfabetismo e, em seguida, serão apresentados os primeiros resultados obtidos na avaliação realizada em formato digital, tendo em vista a metodologia adotada.

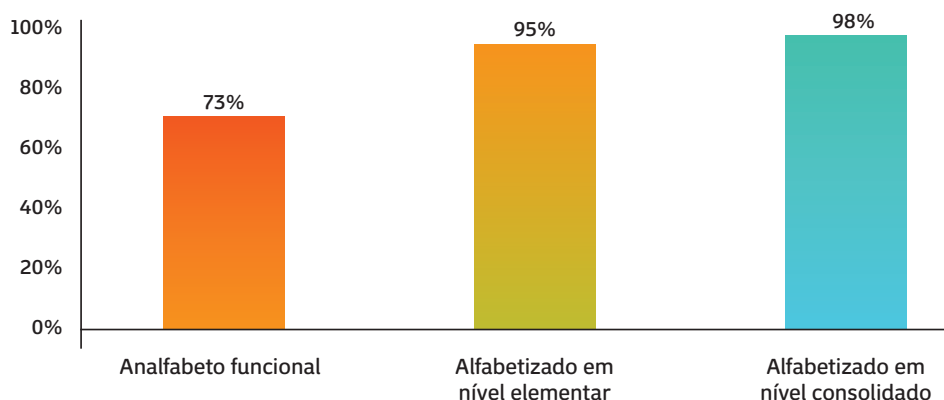
Convém explicitar que, para a análise do desempenho digital, optou-se por reorganizar a escala tradicional de cinco níveis de alfabetismo do Inaf em três categorias: **analfabeto funcional** (analfabeto e rudimentar), **elementar** e **consolidado** (intermediário e proficiente). Essa decisão se deve pelo fato de que, do ponto de vista metodológico, o agrupamento permite observar com maior clareza as diferenças entre os extremos da escala: de um lado, os que enfrentam limitações significativas de leitura e de escrita; de outro, os que já apresentam domínio consolidado das práticas letradas. Essa reorganização facilita a interpretação dos dados e amplia a comparabilidade entre os grupos.

Acesso e uso da internet

Analisar o acesso e a frequência de uso da internet traz algumas primeiras indicações acerca da inserção da população em atividades do contexto digital. A pesquisa TIC Domicílios (Cetic.br, 2023) destaca que não basta estar conectado, é fundamental considerar a qualidade e a regularidade desse acesso, conceito que vem sendo discutido como “conectividade significativa”, ou seja, a possibilidade de acessar a internet com regularidade, velocidade adequada, por meio de diferentes dispositivos, para finalidades diversas. No

Brasil, fatores como escolaridade, localização geográfica e, especialmente, a renda, continuam a influenciar fortemente os padrões de conectividade. Nesse contexto, os dados a seguir relacionam os níveis de alfabetismo da população à frequência de uso da internet pelos entrevistados nos últimos três meses (Gráfico 16).

GRÁFICO 16. USO DA INTERNET NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES PELOS ENTREVISTADOS E NÍVEIS DE ALFABETISMO

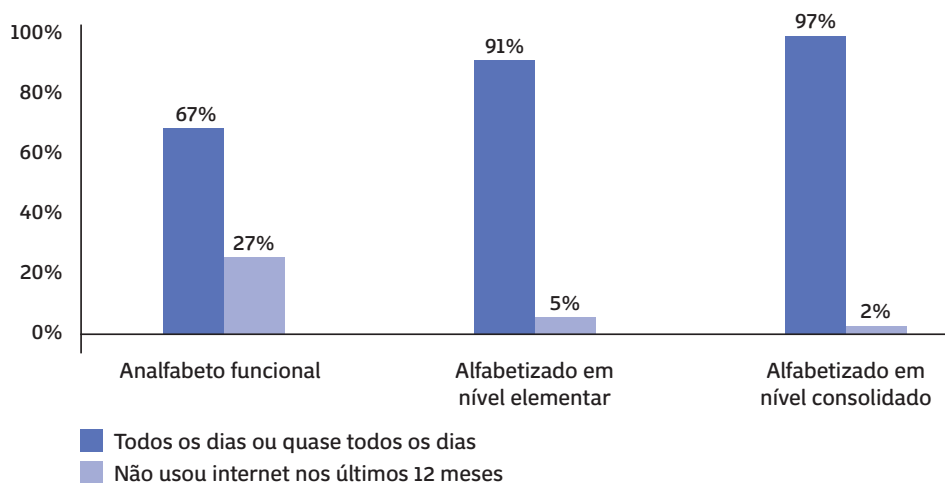


Fonte: Inaf 2024.

A análise dos dados por nível de alfabetismo mostra uma importante associação entre os índices de alfabetismo e o uso da internet: 90% dos entrevistados tinha feito uso da internet nos últimos três meses. Entre analfabetos funcionais, 73% declaram realizar tal prática. Esse percentual salta para 95% entre os que estão no nível elementar e atinge 98% entre as pessoas consideradas alfabetizadas em nível consolidado. Isso revela que, mesmo com limitações, as pessoas consideradas analfabetas funcionais tinham feito uso da internet nos últimos três meses. Tal relação explica-se também pelo fator renda, uma vez que aqueles que têm maior nível de alfabetismo têm maior renda e, consequentemente, melhores condições para adquirir equipamentos, acesso à internet e conexões de rede de melhor qualidade.

O Gráfico 17 mostra a frequência de uso da internet e sua relação com os níveis de alfabetismo. Os resultados revelam que a frequência de uso da internet tem relação direta com os níveis de alfabetismo, ainda que em todos os níveis exista um percentual elevado de acesso.

GRÁFICO 17. FREQUÊNCIA DO USO DA INTERNET PELOS ENTREVISTADOS E NÍVEIS DE ALFABETISMO

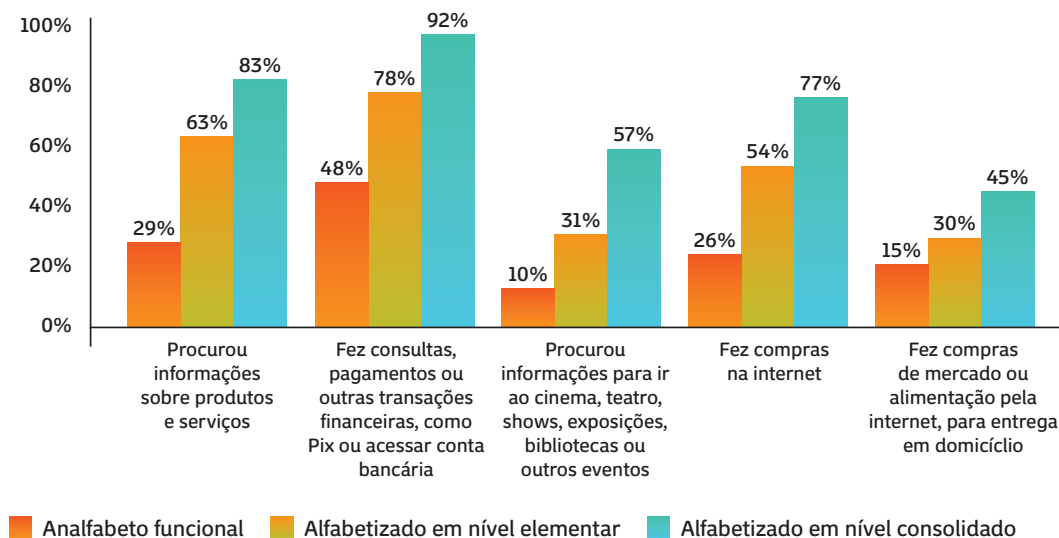


Fonte: Inaf 2024.

Entre os analfabetos funcionais, apenas 27% relataram não ter acessado a internet nos últimos 12 meses. Conforme aumenta o nível de alfabetismo, a frequência de uso se intensifica: o percentual de usuários diários sobe para 91% entre aqueles no nível elementar e atinge 97% entre aqueles com um nível de alfabetismo consolidado. Esses dados reforçam que, embora parte dos indivíduos com baixos níveis de alfabetismo esteja conectada, a exclusão digital é mais significativa entre os analfabetos funcionais se comparada aos demais níveis. De toda forma, a frequência com que fazem uso da internet é significativa, indicando que mesmo com habilidades limitadas, muitos já fazem uso cotidiano da internet.

No Gráfico 18, apresentam-se algumas das atividades que os entrevistados afirmaram realizar na internet nos últimos dois meses em relação aos níveis de alfabetismo. Verifica-se que mesmo os indivíduos classificados como analfabetos funcionais realizam atividades *online*, uma vez que, na atualidade, existe a necessidade de acessar serviços por meio de plataformas para resolver problemas do cotidiano. Cerca de 48% desse grupo declarou fazer transações financeiras, como pagamentos e PIX. Isso indica que o uso da internet, em alguns casos, ocorre mesmo que as pessoas apresentem pouca ou nenhuma proficiência em leitura, escrita e matemática.

GRÁFICO 18. ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET NOS ÚLTIMOS 12 MESES E NÍVEIS DE ALFABETISMO EM PERCENTUAIS



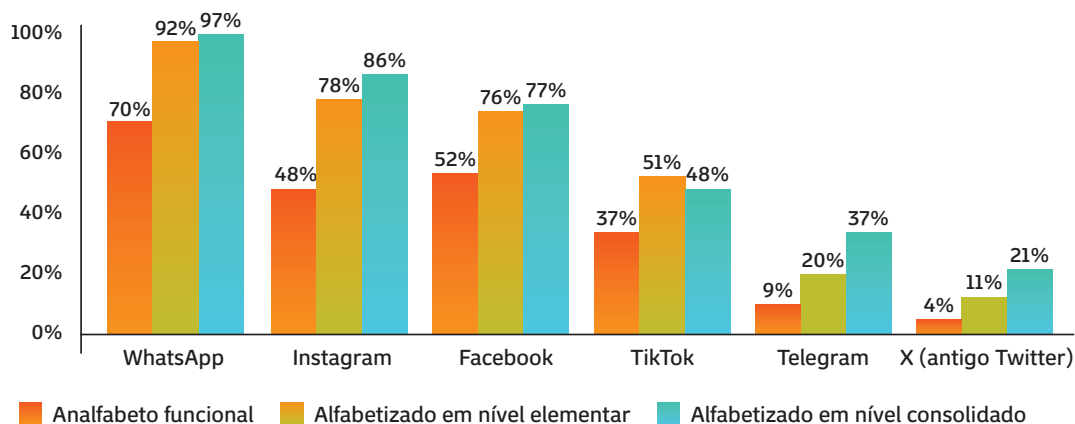
Fonte: Inaf 2024.

No entanto, observa-se que quanto maior o nível de alfabetismo, maior é o uso da internet para realizar diferentes tarefas. Enquanto 26% dos analfabetos funcionais fizeram compras pela internet, isso ocorreu com 77% daqueles considerados alfabetizados em nível consolidado.

Os dados também mostram que o uso de redes sociais está bastante disseminado entre pessoas de diferentes níveis de alfabetismo, conforme mostra o Gráfico 19.

Ainda que ampla parcela da população faça uso das redes sociais, os resultados indicam que isso varia significativamente de acordo com os níveis de alfabetismo, tanto em termos de frequência quanto de diversidade de plataformas utilizadas. O WhatsApp é a rede social mais acessada em todos os níveis, inclusive entre os analfabetos funcionais (70%), evidenciando que mesmo pessoas com baixo letramento conseguem utilizá-lo, possivelmente por ser uma plataforma mais visual, baseada em áudios e comunicação direta. À medida que o nível de letramento aumenta, cresce também o uso de redes mais complexas ou com maior volume de leitura e navegação, como Instagram, Facebook e, principalmente, Telegram e Twitter (X), que apresentam crescimento

GRÁFICO 19. USO DE REDES SOCIAIS E NÍVEIS DE ALFABETISMO EM PERCENTUAIS



Fonte: Inaf 2024.

expressivo entre pessoas que estão no nível de alfabetismo consolidado. Por exemplo, apenas 48% daquelas consideradas analfabetas funcionais usam o Instagram, enquanto 86% dos alfabetizados em nível consolidado o utilizam. Além disso, o percentual de pessoas que não usaram a Internet nos últimos 12 meses é de 27% entre os analfabetos funcionais, caindo para 2% entre alfabetizados em nível consolidado (Gráfico 17), reforçando a exclusão digital nos níveis mais baixos de letramento. No geral, observa-se que, embora as redes sociais sejam uma porta de entrada para o uso da internet, seu uso mais amplo, diversificado e ativo está claramente associado ao domínio das habilidades de leitura, escrita e compreensão.

Assim, pode-se considerar que as plataformas mais acessíveis, como o WhatsApp, possibilitam algum grau de inclusão digital mesmo entre os analfabetos funcionais. Mas o acesso pleno, frequente e diversificado à internet, especialmente para fins educacionais, informacionais e econômicos, permanece fortemente condicionado ao domínio das habilidades de leitura, escrita e compreensão. Isso indica que políticas públicas voltadas à inclusão digital não podem prescindir de investimentos em alfabetização e letramento ao longo da vida, especialmente entre os grupos mais vulneráveis, como adultos com baixa escolaridade, sob o risco de aprofundar ainda mais as desigualdades sociais no ambiente digital.

A criação de um instrumento de avaliação no contexto digital

Para a incorporação do domínio digital à pesquisa, o grupo coordenador do Inaf ancorou-se em reflexões no campo do letramento digital e da educação midiática sobre as habilidades implicadas nas práticas de linguagem e nos conhecimentos matemáticos que os recursos digitais exigem dos sujeitos.

Definiu-se que a prova seria organizada em trilhas que exploram situações que envolvem tecnologias digitais e fazem parte da vida cotidiana de muitos brasileiros. Nas três situações, seria preciso que os respondentes realizassem procedimentos básicos e operacionais do campo do digital como reconhecer e/ou clicar em *hiperlink* ou *link*, rolar a tela (*scroll* etc.) – a serem observados pelos entrevistadores durante o processo de aplicação da pesquisa. Cada trilha continha um conjunto de itens que se referem a diferentes dimensões da cultura digital. Algumas se relacionam mais diretamente às ferramentas digitais (habilidades operacionais); outras, ao trato da informação e da leitura crítica dos conteúdos e da produção de conteúdos (interação, comunicação e colaboração). Além disso, as trilhas propostas solicitavam, em algum momento, uma leitura crítica das mídias, sendo avaliada a capacidade do respondente de desenvolver uma atitude crítica em relação às novas mídias na perspectiva de uma educação midiática.

Do ponto de vista metodológico, foram criados ambientes simulados em vez de apresentar situações reais *online*, para que fosse possível atingir todos os públicos selecionados em diferentes locais, uma vez que a coleta dos dados foi feita em uma entrevista domiciliar e em diferentes regiões do país – portanto, em localidades onde nem sempre a internet está disponível.

A atividade foi feita em um aparelho celular oferecido pelo entrevistador. Algumas respostas foram obtidas oralmente e anotadas pelo entrevistador; outras foram respondidas diretamente pelo entrevistado no celular. O entrevistador poderia ajudar o respondente a avançar nas atividades e fazer o registro do procedimento, que seria levado em conta na análise. Em todas as trilhas, o aplicativo deveria registrar se o entrevistado precisou de ajuda para responder à questão, e/ou se valeu das possibilidades oferecidas pela interface (por exemplo, rolagem de tela para conseguir chegar ao trecho da imagem que permitiria

resolver a situação-problema apresentada). Por fim, as trilhas foram pensadas para que houvesse uma progressão nas tarefas, sendo a primeira com mais ajuda e a última de modo mais autônomo. Na primeira trilha, o aplicativo poderia intervir caso houvesse muita dificuldade de avançar na atividade; na segunda, a intervenção pelo aplicativo seria menor e, na última situação, era possível e esperado que o respondente fizesse a atividade de forma autônoma.

A primeira situação definida referia-se à compra de um par de tênis, estimulada por um anúncio publicitário em uma rede social. A situação exigia que o entrevistado escolhesse o produto, a numeração do tênis e clicasse em *links* para efetuar a compra. A situação apresentava, ao final, um *link* para que o entrevistado avaliasse a segurança de seguir navegando por um determinado *link* (Figura 1).

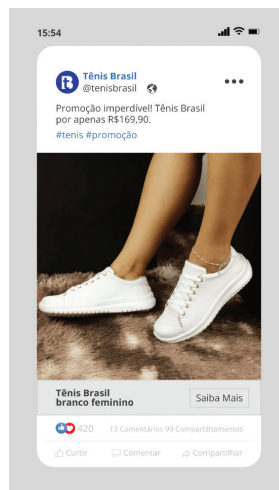


FIGURA 1.

A segunda situação envolvia uma conversa em aplicativo de mensagens entre dois colegas que pretendiam assistir a um filme. A situação englobava a navegação em aplicativos de *streaming* de filmes e a troca de mensagens instantâneas (Figura 2).

A terceira situação propunha que se efetuasse a inscrição de uma colega em um festival de música via formulário *online*. Além do preenchimento do formulário com os dados da colega, era preciso criar uma senha e enviar fotografia/documento em anexo (Figura 3).

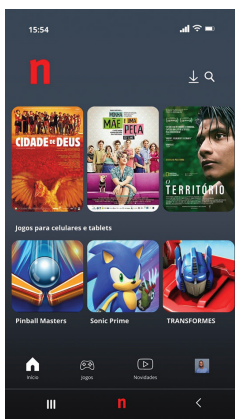


FIGURA 2.

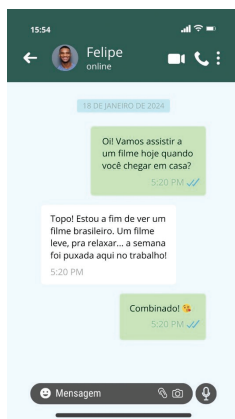
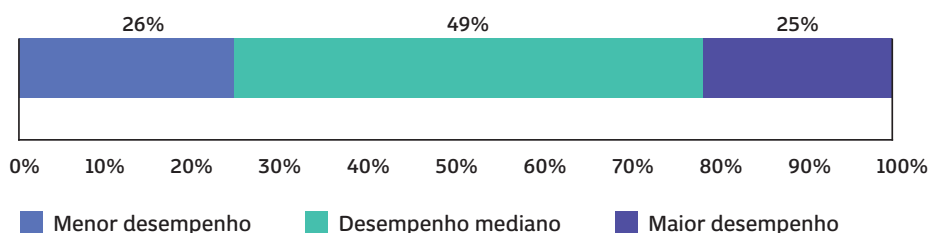


FIGURA 3.

Primeiros resultados da avaliação no contexto digital

Para definir os primeiros resultados do teste digital, foram definidos três níveis com base no percentual de acerto: menor desempenho, desempenho mediano e maior desempenho. O primeiro considera o acerto de até um terço em relação ao total de itens do teste digital; o médio, até dois terços; e o alto, entre mais de dois terços e a totalidade de itens. Os resultados são apresentados a seguir.

GRÁFICO 20. DESEMPENHO EM ATIVIDADES DIGITAIS



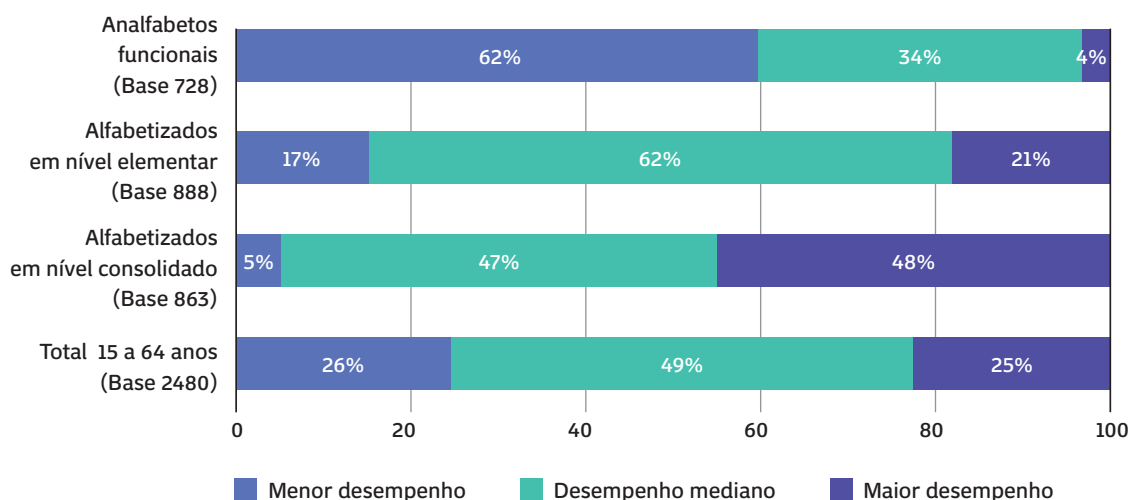
Fonte: Inaf 2024.

Apenas 25% das pessoas entrevistadas tiveram maior desempenho na resolução das atividades do contexto digital. Praticamente metade (49%) teve desempenho mediano, e 26% das pessoas apresentaram menor desempenho em atividades que simulavam situações cotidianas que envolviam as habilidades digitais descritas acima.

O Gráfico 21, a seguir, mostra o cruzamento dos níveis obtidos no teste digital e sua relação com os resultados obtidos na avaliação que definiu os níveis de alfabetismo dos entrevistados.

Evidencia-se que 62% dos analfabetos funcionais situam-se em um nível menor de desempenho no campo digital, pois só conseguem fazer um número bastante limitado de tarefas em relação ao que foi proposto nas três situações do teste digital. No nível elementar, 17% se situam no nível mais baixo da escala, mas outros 62% têm um desempenho mediano. Entre alfabetizados em nível consolidado, 48% tiveram maior desempenho no teste digital, mas ainda se percebe que 52% deles tiveram desempenho mediano ou um menor desempenho em atividades de contexto digital.

GRÁFICO 21. PROFICIÊNCIA E DESEMPENHO NA ATIVIDADE DIGITAL (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)



Fonte: Inaf 2024

Com isso, pode-se afirmar que há uma importante correlação entre o nível de proficiência do teste tradicional do Inaf e os níveis obtidos no teste digital. Entretanto, verifica-se que, entre os elementares, há um percentual considerável daqueles com desempenho mediano em atividades digitais, apesar das dificuldades que apresentam em termos de leitura e de escrita.

Analfabeto funcional: 62% só conseguem fazer um número bastante limitado de tarefas digitais em relação ao que foi proposto.

Alfabetizado em nível elementar: um grupo expressivo de entrevistados tiveram desempenho mediano (62%) e outros 21% conseguem alcançar maior desempenho.

Alfabetizados em nível consolidado: apesar de 48% alcançarem maior desempenho, 52% apresentaram desempenho mediano ou menor em tarefas digitais.

Faixa etária

Os resultados evidenciam que as pessoas mais jovens (de 15 a 29 anos) e aquelas com 30 a 39 anos têm um desempenho melhor do que as pessoas em faixas etárias mais avançadas. Percebe-se que, após os 40 anos, conforme aumenta a faixa etária, há uma piora no desempenho em atividades que envolvem habilidades do contexto digital.

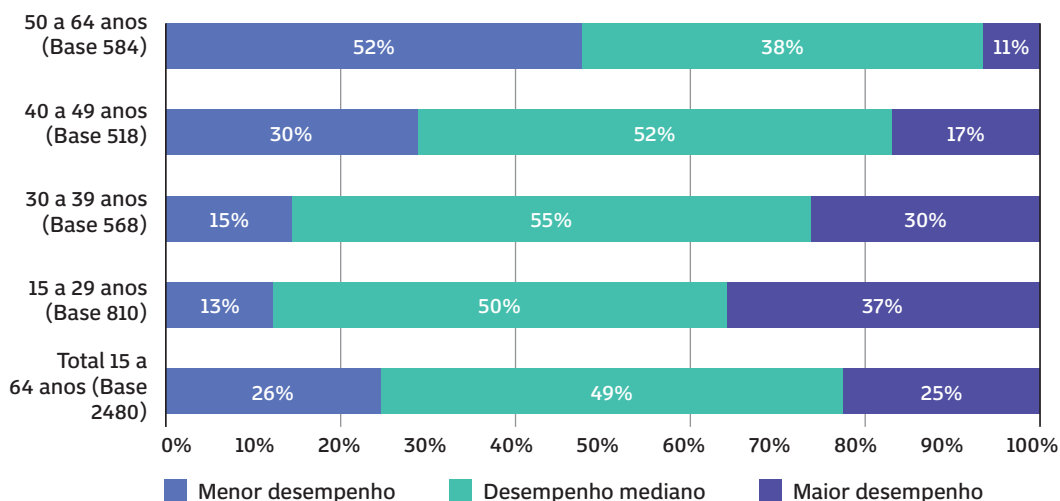
15 a 29 anos: apenas 13% tiveram menor desempenho e 87% tiveram desempenho mediano ou o mais alto.

30 a 39 anos: 15% apresentaram menor desempenho, 55% desempenho mediano e 30% maior desempenho.

40 a 49 anos: quase um terço (30%) tiveram menor desempenho e, ao mesmo tempo, apenas 17% tiveram maior desempenho, mostrando queda em relação aos grupos mais jovens.

50 a 64 anos: somente 11% tiveram maior desempenho evidenciando maiores dificuldades nesse grupo etário.

GRÁFICO 22. FAIXA ETÁRIA E DESEMPENHO EM ATIVIDADES DIGITAIS (% NAS FAIXAS ETÁRIAS)



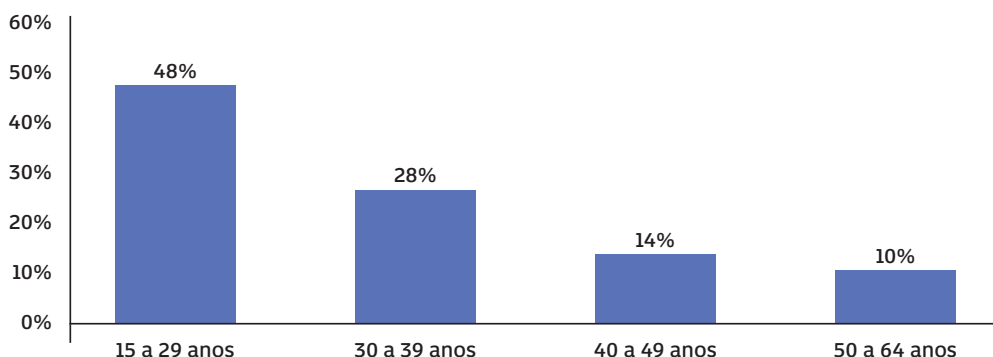
Fonte: Inaf 2024

Os mais jovens, especialmente na faixa de 15 a 29 anos, são aqueles que apresentam o maior número de acertos no teste digital. O grupo de 30 a 39 anos também teve um desempenho melhor do que as pessoas acima de 40 anos, o que pode ser explicado pelo fato de terem vivenciado a infância, a adolescência e a juventude já imersos em contextos de uso mais intenso das tecnologias digitais – diferentemente das pessoas com mais de 40 anos.

O desempenho na faixa etária dos 40 a 49 anos é menor, com apenas 17% das pessoas apresentando maior desempenho nas tarefas do contexto digital. Entre aqueles que se situam na faixa de 50 a 64 anos, apenas 11% têm um maior desempenho.

Quando se observa aqueles que têm maior desempenho e compara com as faixas etárias, fica evidente que a idade é um importante fator para medir a performance dos entrevistados, que diminui conforme aumenta a faixa etária, como se pode observar no gráfico que segue.

GRÁFICO 23. DESEMPENHO ALTO DOS ENTREVISTADOS EM ATIVIDADES DIGITAIS POR FAIXA ETÁRIA



Fonte: Inaf 2024.

Escolaridade

A escolaridade é outro fator fundamental para explicar o desempenho em atividades digitais. Entre aqueles que nunca frequentaram a escola, 98% tiveram menor desempenho nas atividades digitais do teste. Mesmo entre os que chegaram ao Ensino Médio ou ao Ensino Superior, ainda se observam percentuais relevantes nas pessoas com desempenho mediano – 56% e 49%, respectivamente. Apenas 41% das pessoas que chegaram ao Ensino Superior ou o concluíram alcançaram um desempenho considerado maior nessas atividades. Isso revela que a escolarização, embora importante, por si só não é suficiente para garantir o domínio de competências digitais.

Não estudou: 98% daqueles que nunca frequentaram a escola situam-se no menor desempenho.

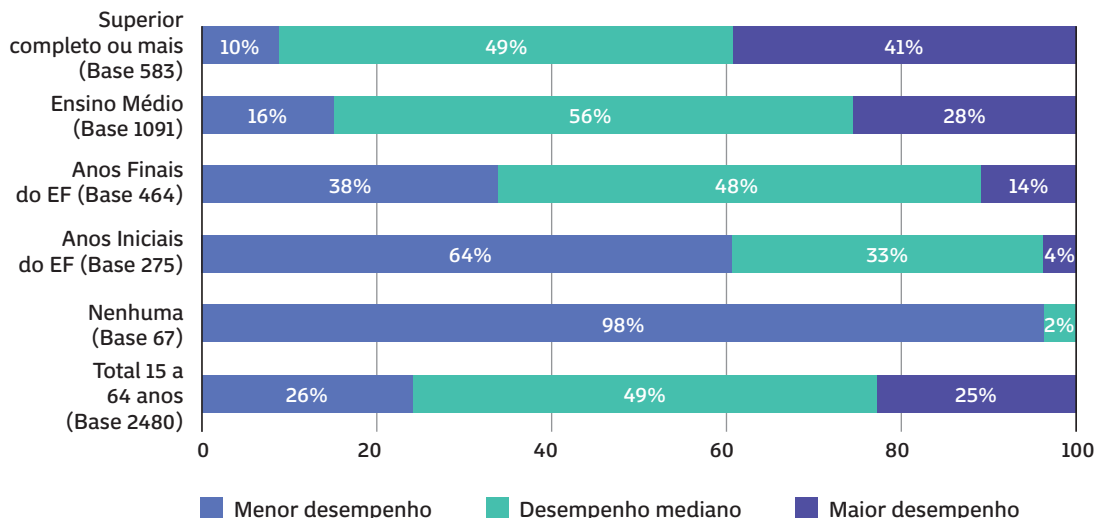
Anos iniciais do Ensino Fundamental: 64% apresentaram menor desempenho.

Anos finais do Ensino Fundamental: 48% apresentaram desempenho mediano.

Ensino Médio: 28% tiveram maior desempenho, mas a maior parte concentrou-se no nível de desempenho mediano (56%).

Ensino Superior: apenas 41% tiveram maior desempenho e 49% tiveram desempenho mediano.

GRÁFICO 24. DISTRIBUIÇÃO DA ESCOLARIDADE E O DESEMPENHO NAS ATIVIDADES DIGITAIS (% NA ESCOLARIDADE)



Fonte: Inaf 2024

Renda familiar

A renda familiar, como já mencionado, está fortemente correlacionada ao nível de alfabetismo, uma vez que maiores rendimentos tendem a estar associados a níveis mais elevados de escolaridade. No campo das atividades digitais, essa relação se mantém: 53% das pessoas com renda superior a cinco salários mínimos tiveram maior desempenho, enquanto apenas 11% daqueles com renda de até um salário mínimo atingem esse patamar. Esses dados reforçam que, mesmo no contexto digital, persistem as desigualdades associadas à renda e à escolarização, já evidenciadas pelas avaliações tradicionais do Inaf.

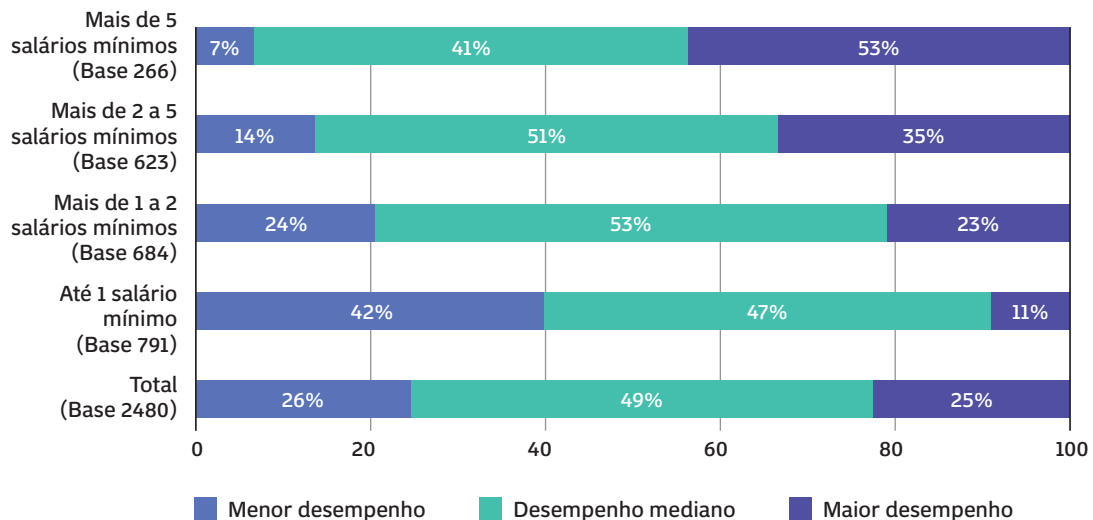
Até 1 salário mínimo: apenas 11% tiveram maior desempenho.

Mais de 1 a 2 salários mínimos: apenas 23% tiveram desempenho mediano ou um menor desempenho.

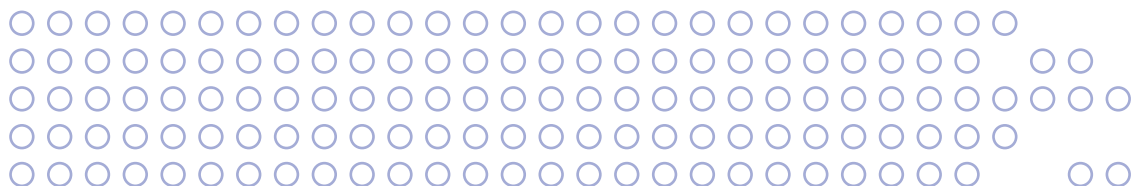
Mais de 2 a 5 salários mínimos: somente 14% tiveram desempenho mediano ou um menor desempenho.

Mais de 5 salários mínimos: somente 7% tiveram desempenho mediano ou um menor desempenho.

**GRÁFICO 25. DISTRIBUIÇÃO DA RENDA FAMILIAR E O DESEMPENHO NAS ATIVIDADES DIGITAIS
(% NA RENDA FAMILIAR)**



Fonte: Inaf 2024



Comentários finais e perspectivas

Os dados do Inaf evidenciam uma situação crítica de estagnação dos níveis de alfabetismo no Brasil diante dos desafios históricos do país. Os dados revelam que, em todas as faixas etárias, uma parcela expressiva da população (36%) permanece no nível elementar de alfabetismo. Isso indica que, ainda que essas pessoas sejam consideradas alfabetizadas em termos funcionais, apresentam habilidades limitadas de leitura e de escrita, dificultando a plena participação nas práticas sociais mediadas pela linguagem escrita. Assim, embora a ampliação da escolaridade formal continue sendo o principal fator associado à melhoria da condição de alfabetismo da população, ainda há uma demanda importante por investimento na qualidade da educação. Isso porque se verifica, entre parte expressiva dos brasileiros que frequentaram a Educação Básica e até mesmo o Ensino Superior, a permanência de níveis insuficientes de proficiência em leitura, escrita e matemática.

Nesse cenário, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) assume papel estratégico como via de retomada da trajetória educacional, instrumento de garantia do direito à educação ao longo da vida e política central para o enfrentamento do analfabetismo entre pessoas adultas e idosas, um grupo historicamente invisibilizado nas estatísticas e pouco atendido por políticas públicas específicas.

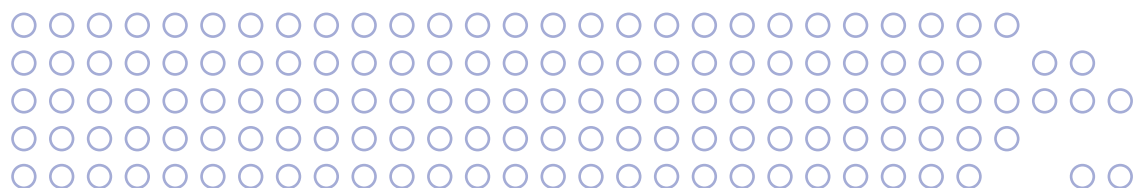
O enfrentamento das desigualdades relacionadas ao alfabetismo exige também um olhar atento para o Ensino Básico, especialmente nos anos iniciais, etapa fundamental para a construção das competências de leitura, escrita e uso funcional da linguagem. O fortalecimento do alfabetismo, tanto entre os que ingressam tardiamente na escola quanto entre aqueles que percorrem o percurso regular, é condição indispensável para garantir uma aprendizagem significativa ao longo da vida, reduzir desigualdades históricas e possibilitar uma participação mais plena nas esferas sociais, econômicas e digitais.

Os resultados da pesquisa também demonstram que o desempenho em atividades que envolvem o contexto digital está correlacionado à escolaridade,

à faixa etária e à renda familiar. Os dados sugerem que os mecanismos de exclusão social associados à baixa escolaridade se reproduzem no ambiente digital e restringem o acesso qualificado às tecnologias para uma parcela significativa da população. Conforme comentado, será feito um estudo aprofundado dos dados referentes ao contexto digital. No entanto, convém apontar que análises preliminares dos dados sobre acesso à internet indicam que há acesso significativo a ambientes *online* mesmo entre os considerados analfabetos funcionais. Esses grupos acessam a internet e desempenham atividades digitais, ainda que de forma limitada, o que reforça a importância de considerar aspectos do letramento digital em estratégias educativas voltadas a essa população.

Tais achados reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas à ampliação do acesso e do ensino de competências digitais nas escolas, com ênfase na formação crítica e na superação das desigualdades estruturais que limitam o exercício pleno da cidadania em um mundo cada vez mais mediado pelo digital.

Por fim, cabe considerar que o objetivo primordial do Inaf é dar visibilidade aos dados sobre os níveis de alfabetismo da população brasileira, com o intuito de orientar políticas públicas na área da educação e de fomentar o debate público sobre o assunto. Por isso, o presente relatório se configura como uma primeira reflexão com base nos resultados obtidos na pesquisa. Como desdobramento deste trabalho, estão previstas novas análises a partir da base de dados coletada, com aprofundamento das discussões em pelo menos duas frentes: um estudo específico sobre o alfabetismo entre jovens de 15 a 19 anos e uma análise mais detalhada sobre os resultados referentes ao desempenho nas atividades digitais.



Referências bibliográficas consultadas

CAZDEN, Courtney B. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. *Harvard Educational Review*, [Cambridge], v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil 2005: TIC Domicílios e TIC Empresas*. São Paulo: CGI.br, 2006. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-2005.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2025.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2008: TIC Domicílios e TIC Empresas*. São Paulo: CGI.br, 2009. Disponível em: <https://www.nic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-2008.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2025.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *TIC Domicílios: Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação nos domicílios brasileiros 2023*. São Paulo: CGI.br, 2024. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20241104102822/tic_domicilios_2023_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 1 mar. 2025.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *TIC Domicílios: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros 2024*. São Paulo: CGI.br, 2025. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20250512120132/tic_domicilios_2024_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 1 mar. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CENSO 2022: proporção da população com nível superior completo aumenta de 6,8% em 2000 para 18,4% em 2022. *Agência de Notícias IBGE*, Rio de Janeiro, 26 fev. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42742-censo-2022-proporcao-da-populacao-com-nivel-superior-completo-aumenta-de-6-8-em-2000-para-18-4-em-2022>. Acesso em: 29 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2022: Panorama: População*. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR&tema=1>. Acesso em: 1 mar. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2024*. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv102180_informativo.pdf?utm_source. Acesso em: 5 mar. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Indicadores educacionais avançam em 2024, mas atraso escolar aumenta. *Agência de Notícias IBGE*, Rio de Janeiro, 13 jun. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43699-indicadores-educacionais-avancam-em-2024-mas-atraso-escolar-aumenta>. Acesso em: 25 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 1992. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 1998. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2001. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2004. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2008. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.].

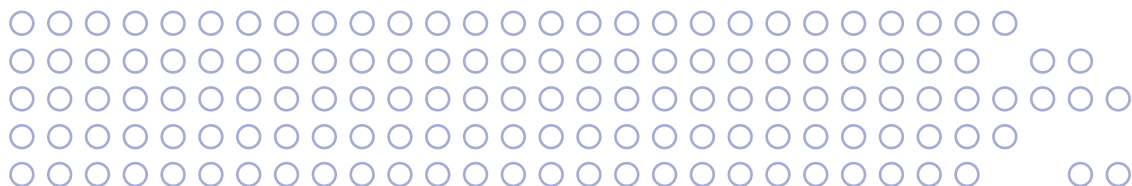
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação, 2º trimestre de 2018. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua anual: Tabela 7126: Número médio de anos de estudo das pessoas de 15 anos ou mais, por sexo e grupo de idade. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7126>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SCOLARI, Carlos A. *Alfabetismo transmedia en la nueva ecología de los medios*: libro blanco. Barcelona: European Commission; Universitat Pompeu Fabra; Medium Research Group; Transmedia Literacy, 2018. Disponível em: https://transmedialiteracy.upf.edu/sites/default/files/files/TL_whit_es.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

VUORIKARI, Riina; KLUZER, Stefano; PUNIE, Yves. *DigComp 2.2: The digital competence framework for citizens: With new examples of knowledge, skills and attitudes*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2022. Disponível em: https://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/handle/JRC128415?utm_source. Acesso em: 1 mar. 2023.



Anexo I

Tabelas com os resultados da análise dos dados – Inaf 2024

Tabelas da série histórica do Inaf – Escolaridade

TABELA 4A. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E ESCOLARIDADE, INAF 2024 (% NO GRAU DE ESCOLARIDADE)

	Nenhuma	Anos iniciais do Ensino Fundamental	Anos finais do Ensino Fundamental	Ensino Médio	Superior Completo ou mais	Total
Base ponderada	67	275	464	1091	583	2480
Analfabeto	88%	27%	6%	1%	1%	7%
Rudimentar	10%	51%	37%	16%	11%	22%
Elementar	0%	19%	40%	45%	27%	36%
Intermediário	2%	1%	14%	29%	38%	25%
Proficiente	0%	2%	3%	9%	24%	10%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

TABELA 4B. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E ESCOLARIDADE, INAF 2024 (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)

	Nenhuma	Anos iniciais do Ensino Fundamental	Anos finais do Ensino Fundamental	Ensino Médio	Superior Completo ou mais	Total
Base ponderada	67	275	464	1091	583	2480
Analfabeto	34%	43%	15%	6%	2%	100%
Rudimentar	1%	25%	31%	31%	12%	100%
Elementar	0%	6%	21%	56%	18%	100%
Intermediário	0%	1%	11%	52%	36%	100%
Proficiente	0%	2%	5%	38%	54%	100%
Total	3%	11%	19%	44%	24%	100%

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Tabelas da série histórica do Inaf – Faixas etárias

TABELA 5A. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E FAIXAS ETÁRIAS, INAF 2024 (% NAS FAIXAS ETÁRIAS)

	15 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 64 anos	Total
Base ponderada	810	568	518	584	2480
Analfabeto	2%	3%	9%	16%	7%
Rudimentar	14%	20%	24%	35%	22%
Elementar	39%	40%	35%	28%	36%
Intermediário	32%	26%	24%	13%	25%
Proficiente	13%	12%	7%	7%	10%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

TABELA 5B. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E FAIXAS ETÁRIAS, INAF 2024 (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)

	15 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 64 anos	Total
Base ponderada	810	568	518	584	2480
Analfabeto	9%	9%	28%	54%	100%
Rudimentar	20%	20%	23%	37%	100%
Elementar	36%	25%	21%	19%	100%
Intermediário	43%	24%	20%	13%	100%
Proficiente	42%	27%	14%	17%	100%
Total	33%	23%	21%	24%	100%

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Tabelas da série histórica do Inaf – Sexo

TABELA 6A. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E SEXO, INAF 2024
(% NOS GRUPOS POR SEXO)

	Homens	Mulheres	Total
Base ponderada	1216	1264	2480
Analfabeto	8%	6%	7%
Rudimentar	24%	21%	22%
Elementar	34%	38%	36%
Intermediário	24%	25%	25%
Proficiente	11%	9%	10%
Total	100%	100%	100%

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

TABELA 6B. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E SEXO, INAF 2024
(% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)

	Homens	Mulheres	Total
Base ponderada	1216	1264	2480
Analfabeto	55%	45%	100%
Rudimentar	52%	48%	100%
Elementar	46%	54%	100%
Intermediário	47%	53%	100%
Proficiente	53%	47%	100%
Total	49%	51%	100%

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Tabelas da série histórica do Inaf – Cor ou raça

TABELA 7A. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E COR/RAÇA, INAF 2024 (% NOS GRUPOS POR COR OU RAÇA)

	Branca	Pretos ou pardos	Amarelos ou Indígenas*	Não respondeu	Total
Base ponderada	1023	1405	45	7	2480
Analfabeto	6%	8%	9%	23%	7%
Rudimentar	22%	22%	38%	19%	22%
Elementar	31%	39%	33%	30%	36%
Intermediário	28%	23%	8%	14%	25%
Proficiente	13%	8%	11%	14%	10%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

* Para melhor leitura da tabela, em razão do baixo número de pessoas que se autodeclararam amarelas ou indígenas, as duas categorias foram reunidas.

TABELA 7B. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E COR/RAÇA, INAF 2024 (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)

	Branco	Pretos ou pardos	Amarelos ou Indígenas*	Não respondeu	Total
Base ponderada	1023	1405	45	7	2480
Analfabeto	34%	63%	2%	1%	100%
Rudimentar	40%	56%	3%	0%	100%
Elementar	36%	62%	2%	0%	100%
Intermediário	47%	52%	1%	0%	100%
Proficiente	52%	45%	2%	0%	100%
Total	41%	57%	2%	0%	100%

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

*Para melhor leitura da tabela, em razão do baixo número de pessoas que se autodeclararam amarelas ou indígenas, as duas categorias foram reunidas.

Tabelas da série histórica do Inaf – Situação de trabalho

TABELA 8A. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E SITUAÇÃO DE TRABALHO, INAF 2024 (% NA SITUAÇÃO DE TRABALHO)

	Está trabalhando	Está desempregado/ Procurando emprego pela primeira vez	Aposentado	Dona de casa	Nunca trabalhou/ Outra situação*	Total
Base ponderada	1624	379	110	219	149	2480
Analfabeto	6%	6%	13%	11%	14%	7%
Rudimentar	21%	18%	44%	27%	25%	22%
Elementar	34%	45%	19%	47%	31%	36%
Intermediário	27%	24%	14%	12%	24%	25%
Proficiente	12%	7%	11%	3%	6%	10%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

* Vive de renda, recebe pensão etc.

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

TABELA 8B. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E SITUAÇÃO DE TRABALHO, INAF 2024 (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)

	Está trabalhando	Está desempregado/ Procurando emprego pela primeira vez	Aposentado	Dona de casa	Nunca trabalhou/ Outra situação*	Total
Base ponderada	1624	379	110	219	149	2480
Analfabeto	52%	14%	8%	13%	12%	100%
Rudimentar	62%	12%	9%	11%	7%	100%
Elementar	62%	19%	2%	12%	5%	100%
Intermediário	73%	15%	3%	4%	6%	100%
Proficiente	79%	10%	5%	3%	4%	100%
Total	65%	15%	4%	9%	6%	100%

* Vive de renda, recebe pensão etc.

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

Tabelas da série histórica do Inaf – Renda familiar

TABELA 9A. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E RENDA FAMILIAR, INAF 2024 (% NA RENDA)

	Até 1 salário mínimo	Mais de 1 a 2 salários mínimos	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Mais de 5 salários mínimos	Total
Base ponderada	791	684	623	266	2480
Analfabeto	14%	5%	1%	1%	7%
Rudimentar	31%	24%	14%	10%	22%
Elementar	39%	38%	36%	23%	36%
Intermediário	14%	27%	34%	31%	25%
Proficiente	2%	6%	14%	35%	10%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

* 117 pessoas desta amostra não declararam sua renda familiar.

TABELA 9B. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEIS DE ALFABETISMO E RENDA FAMILIAR, INAF 2024 (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)

	Até 1 salário mínimo	Mais de 1 a 2 salários mínimos	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Mais de 5 salários mínimos	Não respondeu	Total
Base ponderada	791	684	623	266	117	2480
Analfabeto	65%	19%	5%	2%	8%	100%
Rudimentar	44%	29%	15%	5%	7%	100%
Elementar	35%	29%	25%	7%	4%	100%
Intermediário	18%	30%	35%	13%	3%	100%
Proficiente	7%	17%	35%	37%	4%	100%
Total	32%	28%	25%	11%	5%	100%

O critério de arredondamento permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

* 117 pessoas desta amostra não declararam sua renda familiar.

Tabelas de desempenho digital e proficiência

TABELA 10A. PROFICIÊNCIA E DESEMPENHO NA ATIVIDADE DIGITAL (% NOS NÍVEIS DE ALFABETISMO)

	Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente	Total
Base ponderada	173	555	888	610	254	2480
Menor desempenho	95%	52%	17%	7%	3%	26%
Desempenho mediano	4%	44%	62%	51%	37%	49%
Maior desempenho	1%	4%	21%	42%	60%	25%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA 10B. PROFICIÊNCIA E DESEMPENHO NA ATIVIDADE DIGITAL (% NO DESEMPENHO DIGITAL)

	Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente	Total
Base ponderada	173	555	888	610	254	2480
Menor desempenho	25%	44%	23%	6%	1%	100%
Desempenho mediano	1%	20%	46%	26%	8%	100%
Maior desempenho	0%	4%	29%	42%	25%	100%
Total	7%	22%	36%	25%	10%	100%

Tabelas de desempenho digital e faixas etárias

TABELA 11A. FAIXA ETÁRIA E DESEMPENHO EM ATIVIDADES DIGITAIS (% NAS FAIXAS ETÁRIAS)

	15 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 64 anos	Total
Base ponderada	810	568	518	584	2480
Menor desempenho	13%	15%	30%	52%	26%
Desempenho mediano	50%	55%	52%	38%	49%
Maior desempenho	37%	30%	17%	11%	25%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA 11B. FAIXA ETÁRIA E DESEMPENHO EM ATIVIDADES DIGITAIS (% NO DESEMPENHO DIGITAL)

	15 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 64 anos	Total
Base ponderada	810	568	518	584	2480
Menor desempenho	16%	13%	24%	47%	100%
Desempenho mediano	34%	26%	22%	18%	100%
Maior desempenho	48%	28%	14%	10%	100%
Total	33%	23%	21%	24%	100%

Tabelas de desempenho digital e escolaridade

TABELA 12A. DISTRIBUIÇÃO DA ESCOLARIDADE E O DESEMPENHO NAS ATIVIDADES DIGITAIS (% NA ESCOLARIDADE)

	Nenhuma	Anos iniciais do Ensino Fundamental	Anos finais do Ensino Fundamental	Ensino Médio	Superior Completo ou mais	Total
Base ponderada	67	275	464	1091	583	2480
Menor desempenho	98%	64%	38%	16%	10%	26%
Desempenho mediano	2%	33%	48%	56%	49%	49%
Maior desempenho	0%	4%	14%	28%	41%	25%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

TABELA 12B. DISTRIBUIÇÃO DA ESCOLARIDADE E O DESEMPENHO NAS ATIVIDADES DIGITAIS (% NO DESEMPENHO DIGITAL)

	Nenhuma	Anos iniciais do Ensino Fundamental	Anos finais do Ensino Fundamental	Ensino Médio	Superior Completo ou mais	Total
Base ponderada	67	275	464	1091	583	2480
Menor desempenho	10%	27%	27%	27%	9%	100%
Desempenho mediano	0%	7%	18%	51%	23%	100%
Maior desempenho	0%	2%	11%	49%	39%	100%
Total	3%	11%	19%	44%	24%	100%

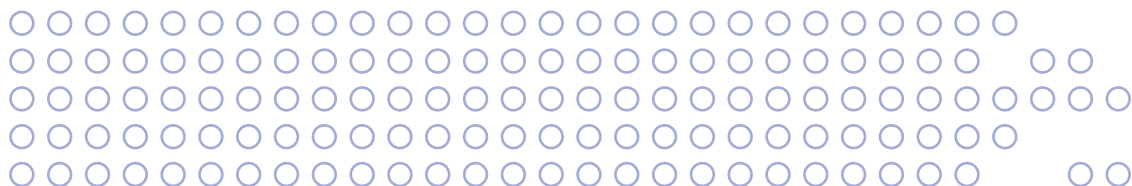
Tabelas de desempenho digital e renda familiar

TABELA 13A. DISTRIBUIÇÃO DA RENDA FAMILIAR E O DESEMPENHO NAS ATIVIDADES DIGITAIS (% NA RENDA FAMILIAR)

	Até 1 salário mínimo	Mais de 1 a 2 salários mínimos	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Mais de 5 salários mínimos	Não respondeu	Total
Base ponderada	791	684	622	266	117	2480
Menor desempenho	42%	24%	14%	7%	46%	26%
Desempenho mediano	47%	53%	51%	41%	39%	49%
Maior desempenho	11%	23%	35%	53%	16%	25%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%



TABELA 13B. DISTRIBUIÇÃO DA RENDA FAMILIAR E O DESEMPENHO NAS ATIVIDADES DIGITAIS (% NO DESEMPENHO DIGITAL)

	Até 1 salário mínimo	Mais de 1 a 2 salários mínimos	Mais de 2 a 5 salários mínimos	Mais de 5 salários mínimos	Não respondeu	Total
Base ponderada	791	684	622	266	117	2480
Menor desempenho	51%	25%	13%	3%	8%	100%
Desempenho mediano	31%	30%	26%	9%	4%	100%
Maior desempenho	14%	26%	35%	22%	3%	100%
Total	32%	28%	25%	11%	5%	100%



Anexo 2

Matriz de habilidades do Inaf

GRUPO DE HABILIDADES	RECONHECER/DECODIFICAR 	LOCALIZAR/IDENTIFICAR 
Descrição	<p>O reconhecimento das letras do alfabeto e dos dez algarismos indo-arábicos, indispensável para a leitura e a escrita, pode ser avaliado por meio de tarefas que envolvem a diferenciação entre letras, algarismos, desenhos e outros sinais gráficos; avalia-se ainda se a pessoa é capaz de reconhecer letras e algarismos pelo nome ou se sabe atribuir-lhes o som (no caso das letras) ou o valor (no caso dos algarismos) que indicam. Tal habilidade compreende ainda a identificação das maiúsculas e das minúsculas, além de caligrafia manuscrita. No domínio digital, essas habilidades correspondem ao reconhecimento de um ícone, da função de um <i>hiperlink</i>, da função <i>touch</i>, da possibilidade de avançar no conteúdo rolando para baixo ou para o lado e a possibilidade de ampliar um texto ou imagem.</p>	<p>Diz respeito à capacidade de identificar/recuperar – num texto escrito, multimodal, na home de um <i>site</i> ou em um <i>link</i> direto – uma ou múltiplas informações, que podem estar expressas de modo literal ou não (explícito, mas não necessariamente literal, com desafio cognitivo mínimo, como uma referência a “amigo” no texto e a “companheiro” no item). As tarefas mais simples envolvem a localização de apenas uma informação em um texto ou na página de um <i>site</i>.</p>
Campo de atuação/ atividade	<ul style="list-style-type: none">● Vida Pessoal/Vida Cotidiana● Vida Pública/Vida Social● Mundo do Trabalho	<ul style="list-style-type: none">● Vida Pessoal/Vida Cotidiana● Vida Pública/Vida Social● Mundo do Trabalho● Produção e Consumo● Direitos e Cidadania● Jornalístico/Midiático
Gêneros/ tipos de texto	<p>Textos simples, frases curtas, palavras, símbolos, letras, números, data, hora, valor monetário, preços, placas, imagens, ícones ou cartazes com letras, palavras e números etc.</p>	<p>Textos simples de pequena extensão: títulos, áudios, aplicativos de troca de mensagens, cartazes, <i>posts</i>, avisos, notícias, receitas, narrativas, vídeos, especificações técnicas simples, anúncios, gráficos e tabelas simples, calendário/agendas impresso ou digital. Postagens (simples) em redes sociais, comentários (curtos), áudios, vídeos e imagens.</p>

COMPREENDER/INFERIR



Habilidades relacionadas à capacidade de compreensão de textos escritos ou multimodais. Pressupõe a integração de informações e interpretação do texto. A integração exige a capacidade de lidar com dois ou mais elementos escritos ou multimodais, comparando-os, ordenando-os ou, ainda, estabelecendo outros tipos de nexos lógicos entre eles. No caso da informação numérica, é comum a integração implicar a realização de alguma operação matemática, ou a associação entre números e representações gráficas (gráficos, infográficos, mapas, diagramas etc). Envolve também a capacidade de se localizar espacialmente por meio de aplicativos ou recursos digitais. Para compreender, é necessário também inferir, ou seja, realizar deduções que podem levar a uma conclusão que não está explícita. A inferência também pode decorrer de raciocínios matemáticos, da leitura de gráficos e de tabelas.

- Vida Pessoal/Vida Cotidiana
- Vida Pública-Vida Social
- Mundo do Trabalho
- Produção e Consumo
- Direitos e Cidadania
- Conhecimento Científico
- Artístico-Literário

Textos de média e longa extensão: artigos jornalísticos, bulas de remédios, contas de consumo, textos literários, artigos científicos. Gráficos e tabelas com mais de uma variável, mapas com escala, aplicativos de navegação, localização, infográficos e diagramas. Postagens em redes sociais, comentários, áudios, vídeos e imagens.

AVALIAR/REFLETIR





As tarefas que visam verificar essa habilidade convocam explicitamente o leitor a aportar informações extratextuais para confrontá-las com informações textuais ou emitir parecer sobre elas: comparar/ checar informações; reconhecer superficialidade, veracidade, atualidade, implausibilidade ou viés da informação; fazer apreciações éticas e estéticas; defender propostas; perceber orientações avaliativas menos explícitas. Em alguns casos, mais de uma resposta é aceitável, desde que justificada. Isso exige a capacidade de elaborar respostas com ideias próprias, sem perder de vista também os elementos do texto que as fundamentam.

- Vida Pessoal/Vida Cotidiana
- Vida Pública/Vida Social
- Mundo do Trabalho
- Produção e Consumo
- Direitos e Cidadania
- Conhecimento Científico
- Artístico-Literário

Utilização de um ou mais textos de média e longa extensão: artigos jornalísticos, textos literários, artigos científicos de maior complexidade. Gráficos e tabelas dinâmicas com mais de uma variável com indicação de tendências e projeções, mapas com escala, aplicativos de navegação, localização, infográficos de maior complexidade e diagramas, nuvens de palavras e dados. Postagens em redes sociais, áudios, vídeos e imagens.





GRUPO DE HABILIDADES	RECONHECER/DECODIFICAR 	LOCALIZAR/IDENTIFICAR 
Habilidades	<ul style="list-style-type: none">● REC01. Identificar (pelo nome ou função) sinais de pontuação ou sinais matemáticos (ponto final, vírgula, ponto de interrogação, ponto de exclamação, dois pontos, +, -, ×, =, ÷, ½, %).● REC02. Associar palavra, letra, algarismo ou número à imagem correspondente (representando quantidade ou ordem).● REC03. Ler palavras/frases curtas.● REC04. Escrever palavras/frases curtas.● REC05. Reconhecer funções operacionais no campo digital (<i>hiperlink, touch, scroll, ampliação de texto ou imagem</i>).● REC06. Reconhecer um ícone para a realização de determinada tarefa.	<ul style="list-style-type: none">● LOC01. Localizar uma informação cuja disposição no texto é saliente no impresso ou no digital (título, autor/instituição, número de telefone, data, CEP, remetente, destinatário, menu).● LOC02. Localizar uma ou mais unidades de informação explícita(s), expressa(s) de forma literal, ou não, em textos escritos e multimodais em mensagens instantâneas simples, em texto ou áudio, em aplicativos com essa finalidade (SMS, WhatsApp, Messenger etc.).● LOC03. Localizar informações numéricas explícitas (quantidade, datas, horários ou períodos, preços, descontos e acréscimos etc.) em textos diversos, incluindo calendários e agendas em formato impresso ou digital.● LOC04. Ler resultados de medidas diversas em instrumentos de medidas comuns, analógicos ou digitais (balança, trena, régua, fita métrica, recipiente graduado, termômetro).● LOC05. Localizar informação a partir de um <i>link</i> ou de um menu oferecido.● LOC06. Localizar informações numéricas em tabelas, gráficos e infográficos.● LOC07. Utilizar mecanismos de busca para localizar informação na internet/ plataformas/sites.● LOC08. Identificar ícones/configurações de privacidade de perfil e compartilhamento de mensagens, postagens etc. (público, só amigos, privado).● LOC09. Identificar recursos/formas de bloqueio a perfis, contatos, acessos a aparelhos etc.

COMPREENDER/INFERIR



- **COMP01.** Utilizar elementos de referência externos ao corpo de texto (índice, sumário, glossário, nota de rodapé, nota bibliográfica).
- **COMP02.** Preencher formulários (impressos ou digitais).
- **COMP03.** Identificar relações de causa/consequência não explícitas.
- **COMP04.** Comparar números ou quantidades (códigos, indicadores de quantidade ou ordem, valores monetários, medidas, datas, objetos etc.): maior/menor, mais/menos, antes/depois, igualdade/diferença, dentro/fora de intervalos.
- **COMP05.** Identificar evidências que fundamentam afirmação, argumento ou um posicionamento implícito do autor/apreciação valorativa em textos multimodais.
- **COMP06.** Reconhecer o efeito de sentido ou estético de certas escolhas lexicais ou sintáticas, do uso de figuras de linguagem, sinais de pontuação ou linguagens não verbais.
- **COMP07.** Reconhecer a relação entre o que se mede, a unidade de medida utilizada e a expressão da medida.
- **COMP08.** Reconhecer a relação de proporcionalidade direta ou inversa entre grandezas, em contextos cotidianos.
- **COMP09.** Resolver situações-problema que envolvem textos/ símbolos/números ou operações (com ou sem o uso de calculadora ou outros recursos digitais).
- **COMP10.** Reconhecer os significados das medidas estatísticas mais usuais (média e amplitude), para a tomada de decisão em situações do cotidiano.
- **COMP12.** Curtir ou compartilhar (sem comentar), levando em conta o contexto e conteúdo da mensagem.
- **COMP13.** Comentar, trocar mensagens, compartilhar (com comentário) levando em conta o contexto e conteúdo da mensagem.
- **COMP14.** Utilizar recursos/realizar procedimentos com várias etapas em ambiente digital para avançar ou concluir uma tarefa.

AVALIAR/REFLETIR



- **AVA01.** Reconhecer elementos textuais e quantitativos (tendências, imprecisões, incorreções) que permitam aferir indícios para avaliar a veracidade de uma narrativa ou informação, situações que implicam em riscos (vírus, golpes, links, mensagens enviadas, fake news), a aplicabilidade de uma prescrição ou a coerência de uma argumentação em texto impressos ou em contexto digital.
- **AVA02.** Julgar a validade e a coerência dos resultados de pesquisas que envolvem dados estatísticos ou argumentos; avaliar os efeitos de sentido (ênfases, apagamentos ou distorções) provocados pela escolha de certos modos de representação de informação.
- **AVA03.** Comparar posicionamentos implícitos em diferentes gêneros textuais em formato impresso ou digital.
- **AVA04.** Comparar, relacionar ou avaliar informações que constam em textos multimodais gráficos, infográficos, tabelas ou afirmações, proposições, informações, argumentos, fatos, características de coisas ou processos.
- **AVA05.** Avaliar a probabilidade de ocorrência de um evento.
- **AVA06.** Avaliar a veracidade de um conteúdo que foi compartilhado por meio de redes sociais.
- **AVA07.** Elaborar um pequeno texto (mensagem/post, descrição, exposição ou argumentação) com base em elementos do texto ou do contexto dado.
- **AVA08.** Discriminar conteúdos e comportamentos ilegais, preconceituosos e/ou prejudiciais.
- **AVA09.** Elaborar sínteses de texto.
- **AVA10.** Tomar decisões com base em textos instrucionais, manuais, cartazes e textos multimodais.

Sobre o Inaf

O Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) mede os níveis de alfabetismo da população brasileira de 15 a 64 anos em um teste aplicado presencialmente, que envolve a leitura e a interpretação de textos do cotidiano. Foi desenvolvido pela organização social Ação Educativa e pelo Instituto Paulo Montenegro/Ibope e foi implementado em parceria por estas duas organizações entre 2001 e 2015. Com o encerramento das atividades do Ibope e do Instituto Paulo Montenegro, a parceria passou a ser entre a Ação Educativa e a Conhecimento Social.

Para mais informações, acessar: <https://alfabetismofuncional.org.br>.

Sobre a Ação Educativa

É uma associação civil sem fins lucrativos que atua nos campos da educação, da cultura e da juventude, na perspectiva dos direitos humanos. Promove atividades de formação e de apoio a grupos de educadores, jovens e agentes culturais. Integra campanhas e outras ações coletivas que visam à universalização desses direitos. Desenvolve pesquisas e metodologias participativas com foco na construção de políticas públicas sintonizadas com as necessidades e os interesses da população.

Para mais informações, acessar: <https://acaoeducativa.org.br>.

Sobre a Conhecimento Social – Estratégia e Gestão

Fundada por Ana Lúcia Lima, que até 2015 atuou como diretora executiva do Instituto Paulo Montenegro, a Conhecimento Social é uma consultoria especializada que oferece soluções diferenciadas para demandas de diagnóstico, planejamento, monitoramento, avaliação e produção de conhecimento para investidores sociais, implementadores de programas e instâncias da gestão pública. Atua ainda como representante do Instituto Paulo Montenegro, sendo sua porta-voz e responsável pela coordenação do Inaf.

Para mais informações, acessar: <https://conhecimento.social/>.

ISBN 978-65-6050-058-7



9 786560 508587

Coordenação



 ação
educativa

Correalização



Em parceria com



Cooperação




para cada criança